



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

SARA RAFIH URENHA

**MOSAICO DE IDENTIDADES: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE SUJEITOS
SURDOS EM UMA COMUNIDADE NA INTERNET**

Orientador: Prof. Dr. Dánie Marcelo de Jesus

Cuiabá - MT

2016

SARA RAFIH URENHA

**MOSAICO DE IDENTIDADES: CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DE SUJEITOS
SURDOS EM UMA COMUNIDADE NA INTERNET**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem, na área de concentração de Estudos Linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Dánie Marcelo de Jesus

Cuiabá – MT

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

U75m URENHA, Sara Rafih.
Mosaico de Identidades: Construções Discursivas de Sujeitos
Surdos em uma Comunidade da Internet / Sara Rafih URENHA. --
2017
x, 94 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Dánie Marcelo de Jesus.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato
Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-Graduação em
Estudos de Linguagens, Cuiabá, 2017.
Inclui bibliografia.

1. Surdez. 2. Identidade. 3. Redes Sociais. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO-GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 , - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT
Tel : (65) 3615-8418 - Email : secretariameel@hotmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "Mosaico de identidades: construções discursivas de sujeitos surdos em comunidades na internet"

AUTORA: Sara Rafih Urenha

Dissertação defendida e aprovada em 07 de dezembro de 2016.


Presidente da Banca / Orientador: Daniel Marcelo de Jesus
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso


Examinadora Interna: Doutora Filomena Maria de Arruda Monteiro
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso


Examinadora Externa: Doutora Livia Márcia Tiba Rádís Baptista
Instituição: Universidade Federal da Bahia

Examinadora Suplente: Doutora Divanize Carbonieri
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

CUIABÁ, 07 de dezembro de 2016

Dedico este trabalho a Deus, porque por Ele e para Ele são todas as coisas.

Aos três homens da minha vida: Armando, Khalil e Rhaul.

AGRADECIMENTOS

Obrigada a todos que, direta ou indiretamente, participaram e acompanharam este trabalho.

Agradeço à FAPEMAT por me proporcionar a bolsa de mestrado.

Aos meus filhos, Khalil e Rhaul, por serem a fonte da minha força e persistência, por quem eu luto todos os dias. Eles são a razão do meu viver.

Ao meu pai, meu ídolo, que já se foi, mas deixou para sempre em meu coração a imagem do homem batalhador, guerreiro, amoroso e que NUNCA mediu esforços para nos educar.

A minha mãe, querida, orgulhosa dos caminhos que percorri. Agradeço pelo seu grande amor por mim e quero dividir com ela este momento único em minha vida.

Muito obrigada ao meu marido, Armando. Sempre ao meu lado com amor, paciência, carinho e força. AMO-O, por ser este companheiro de todas as horas, meu porto seguro, que sempre tem palavras confortantes e fortalecedoras para me oferecer.

Ao meu querido orientador Dánie, a quem não encontro as “melhores”, talvez nem as mais “adequadas” palavras para expressar meu MUITO OBRIGADA. Simplesmente agradeço a possibilidade que me ofereceu para trabalhar com ele, compartilhar de seus conhecimentos, convencida de que não poderia ser de outro jeito, em outro caminho, com outra pessoa, senão com ele.

Aos meus colegas de mestrado – Adelaide, Criseida, Mérice, Alex, Fábio, Gisele, Jussivânia, Michel, Ana Paola – e tantos outros que estiveram nessa caminhada. Foram inúmeras as vezes em que trocamos dúvidas, estudamos juntos, dividimos angústias, produzimos, construímos e desconstruímos. Obrigada a todos vocês por acompanharem esta trajetória.

Aos surdos desta pesquisa, sem os quais este trabalho não estaria completo.

A Deus, por permitir caminhos tão produtivos, intensos e por existirem pessoas especiais com as quais posso compartilhar este trabalho, este momento, esta conquista.

A construção da identidade não é do domínio exclusivo de língua alguma, embora ela seja, sempre, da ordem do discurso. (MAHER, 2001, p. 135).

RESUMO

Esta pesquisa aborda o tema sobre identidade surda, e esta inserida no programa de pós-graduação em Estudos de Linguagens. O objetivo deste trabalho é investigar, por meio da comunidade “Surdos – relacionamento de namoro”, existente no site *Facebook*, como sujeitos surdos constroem suas identidades nas redes sociais, analisando suas enunciações discursivas com o objetivo de desconstruir o discurso ideológico dominante, fundamentado nos moldes patológicos, que localiza o surdo em dimensões clínicas e terapêuticas da “cura” e da “normalização”. O trabalho encontra suporte teórico em Foucault (1997, 2001, 2010), Skliar (1998), Perlin (1998), Moura (2000), Hall (2000), Woodward (2000), Fairclough (2001, 2003), Sá (2002, 2006), entre outros. A pergunta que norteou a pesquisa relaciona-se ao modo como sujeitos surdos constroem suas múltiplas identidades surdas em uma comunidade surda na internet. Para respondê-la, selecionei postagens nas quais esses sujeitos se inscreviam. A metodologia é de base interpretativista, nas perspectivas de Denzin e Lincoln (2006), Bortoni-Ricardo (2008) e Flick (2009). Os resultados sugerem uma identidade heterogênea, plural e fragmentada, revelando a oposição ao discurso de que os surdos teriam uma identidade homogênea. Pode-se concluir, portanto, que a relevância desta pesquisa se dá no sentido de contribuir com a discussão das identidades surdas, numa perspectiva que considere seu caráter heterogêneo. Essa postura é necessária para compreender e respeitar os modos diferentes e individuais de se constituir plural em uma sociedade. Há ainda muitas questões silenciadas nessas comunidades e que precisam ser discutidas para empoderar esses sujeitos e garantir seus direitos.

Palavras chave: Surdez; Identidade; Redes sociais.

ABSTRACT

This research approaches the deaf identity theme, and it is inserted in the Postgraduate program of language studies. This theses aims to investigate, through the Facebook site community named “deaf people – dating relationship”, how deaf people build their own identities in social networks, analyzing their discursive utterances in order to deconstruct the dominant ideological discourse, based on pathological patterns, which focuses deaf people in the clinical and therapeutic dimensions of “cure” and “normalization”. This paperwork is theoretically supported by Foucault (1997, 2001, 2010), Skliar (1998), Perlin (1998), Moura (2000), Hall (2000), Woodward (2000), Fairclough (2001, 2003), Sá (2002, 2006), among others. The question which directed this research is related to the way deaf people build their multiple deaf identities in a deaf community on the internet. To answer the referred question I selected posts in which these people enrolled themselves. The methodology is interpretatively based, in perspectives of Denzin e Lincoln (2006), Bortoni-Ricardo (2008) and Flick (2009). The results suggest an heterogeneous identity, plural and fragmented featured, in contradiction to the discourse of the homogeneous identity deaf people would have. One can conclude, therefore, that the relevance of this research is about contributing with the deaf identities discussion, in a perspective considering its heterogeneous feature. This emplacement is needed to realize and respect the individual and different ways of deaf people constituting themselves plural in society. However, there are many other silenced issues in these communities, which should be discussed to empower these people and ensure their rights.

Key words: Deafness; Identity; Social Networks.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Comunidade virtual: “Surdos - relacionamento de namoro”	55
Figura 02 – Capa da comunidade	60
Figura 03 – Mosaico representativo do posicionamento discursivo quanto à identidade	61
Figura 04 – Sujeito 1	63
Figura 05 – Sujeito 2	64
Figura 06 – Sujeito 3	65
Figura 07 – Sujeito 4	68
Figura 08 – Sujeito 5	69
Figura 09 – Sujeito 6	70
Figura 10 – Sujeito 7	71
Figura 11 – Sujeito 8	72
Figura 12 – Sujeito 9	73
Figura 13 – Sujeito 10	75
Figura 14 – Sujeito 11	77
Figura 15 – Sujeito 12	78
Figura 16 – Sujeito 14	80
Figura 17 – Sujeito 15	81
Figura 18 – Sujeito 16	82
Figura 19 – Sujeito 17	83
Figura 20 – Sujeito 18	84
Figura 21 – Sujeito 19	85
Figura 22 – Sujeito 20	85
Figura 23 – Sujeito 21	86
Figura 24 – Sujeito 22	87
Figura 25 – Sujeito 23	88

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	IV
AGRADECIMENTOS	V
EPÍGRAFE	VI
RESUMO	VII
ABSTRACT	VIII
LISTA DE FIGURAS	IX
INTRODUÇÃO - SURDOS: MOSAICO DE IDENTIDADES INTRINCADAS ...	11
CAPÍTULO 1: Fundamentação teórica: reunindo as peças do mosaico	16
1.1 Identidade e Diferença	16
1.2 Identidade e Surdez	24
1.3 Identidade e Discurso	33
1.4 Corpo como Discurso	36
1.5 Cultura e Comunidade surda	39
CAPÍTULO 2: Metodologia da pesquisa: organizando as peças do mosaico	45
2.1 A pesquisa qualitativa	46
2.2 O <i>locus</i> da pesquisa - a comunidade de surdos: relacionamento de namoro no <i>FACEBOOK</i>	50
2.3 Os sujeitos da pesquisa	52
2.4 Geração de dados	54
CAPÍTULO 3: Análise dos dados: encaixando as peças do mosaico	56
3.1 Análise das postagens	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

INTRODUÇÃO - SURDOS: MOSAICO DE IDENTIDADES INTRINCADAS

Não existe uma identidade exclusiva e única como a surda. Ela é construída por papéis sociais diferentes (pode-se ser surdo, rico, heterossexual, branco, professor, pai) e também pela língua que constrói nossa subjetividade... Não há escolhas “livres” nas nossas identidades; isso independe da nossa vontade. Elas estão determinadas pelas práticas discursivas, impregnadas por relações simbólicas de poder. (SANTANA, 2007, p. 42).

Minha trajetória

Comumente, inquietações e indagações de um estudo se originam da biografia do pesquisador; dessa forma, convido o leitor a conhecer um pouco de minha história de vida, no ofício de fonoaudióloga e docente na área. Enfatizo minhas experiências aqui, por acreditar que elas matizam minha identidade e aclaram o lugar de onde falo, bem como dialogam com a metodologia de pesquisa deste estudo.

Meu trabalho com surdos iniciou-se em 1997, quando ainda era estagiária do Curso de Fonoaudiologia. Meu estágio visava estudar e tentar todas as técnicas possíveis para que os surdos falassem e pudessem desenvolver os seus resíduos auditivos. Para mim, eles eram deficientes auditivos, não eram surdos; muito menos Surdos. Considerava-os, portanto, deficientes auditivos no sentido médico do termo, isto é, sujeitos que haviam nascido sem, ou perdido antes da aquisição da linguagem, a integridade dos órgãos responsáveis pela percepção dos sons e tinham, conseqüentemente, uma perda auditiva. Essa deficiência ou perda auditiva poderia ser de diferentes graus. Desse modo, as crianças poderiam ouvir um pouco, muito pouco ou quase nada. O importante é que elas não tinham condições de adquirir a linguagem de forma natural, isto é, ouvindo-a. Elas precisavam ser treinadas para que a aquisição de linguagem viesse a acontecer. Para isso, elas eram equipadas com aparelhos de amplificação sonora individuais, que teriam o papel de lhes possibilitar a audição de alguns sons da fala e do meio ambiente. Esta aparelhagem das crianças não era uma simples colocação de aparelhos eletrônicos, mas representava todo um treinamento para fazê-las utilizar a sua (possível) audição residual. Se a criança conseguisse ser bem treinada para conseguir ouvir alguns sons, isto a ajudaria a desenvolver a linguagem oral.

Ao mesmo tempo, era feito um trabalho para fazê-las desenvolver a leitura orofacial, isto é, a habilidade de “ler” na boca e no rosto do interlocutor os sons da fala. A família também era treinada para auxiliar a criança em casa, fazendo exercícios que ajudariam o seu desenvolvimento na oralidade. Devia se evitar fazer qualquer tipo de sinais, gestos, mímicas, ou usar a expressão facial ou corporal para fazê-las compreender qualquer situação, palavra ou pergunta. A criança também devia lançar mão destes recursos tanto para compreender como para se expressar, ainda que pouco a pouco essas imposições tenham se abrandado.

O objetivo deste trabalho, conforme aprendi, era fazer com que a criança deficiente auditiva desenvolvesse a linguagem oral, para ela se integrar à sociedade. Não se questionava, nem se cogitava, que sociedade era esta. Nem se poderia. Era senso comum que só existia uma sociedade: a dos ouvintes. Os pressupostos teóricos e as atividades práticas, como avaliação auditiva, indicação de aparelho de amplificação sonora individual, treinamento de audição residual, de leitura orofacial, de fala, da família, pareciam coerentes e justificavam o meu papel e um trabalho com fins humanitários, como me era passado, ou seja, transformar o deficiente auditivo em um indivíduo feliz, igual ao ouvinte, com oportunidades iguais e, acima de tudo, não diferente daquele que ouve. A sua perda auditiva seria compensada de alguma forma e ele teria a sua “deficiência anulada”.

Já formada, continuei meu trabalho com crianças deficientes auditivas. As primeiras insatisfações começaram a aparecer. Via e vivia a contínua batalha: crianças que não podiam ouvir continuavam a não ouvir e a não falar. É claro que existiam as exceções: crianças que passavam a aproveitar os seus restos auditivos desenvolviam leitura orofacial e conseguiam desenvolver “linguagem”. Mas eram poucas, muito poucas. A maioria mantinha um mutismo que resistia a todas as investidas. Tudo era tentado: falar alto, falar baixo, trocar o aparelho de amplificação sonora individual, usar vibrações para fazer o som ser sentido. Eram muitas as tentativas! As crianças ficavam frustradas, sem alcançar a meta proposta, quase todas com uma comunicação muito deficiente, insuficiente para uma relação comunicativa. Os problemas de comportamento surgiam a todo momento: crianças agitadas, hiperativas, agressivas. Era assim que nós as nomeávamos.

As minhas insatisfações e angústias aumentaram. Muitos dos profissionais que trabalhavam comigo continuavam a considerar que as crianças falhavam. Eles

ocupavam o lugar do saber. Nessa época, eu sabia da existência da língua de sinais, mas minha visão era voltada para uma língua usada apenas por deficientes auditivos adultos que não tinham acesso à educação, ou seja, a um trabalho que os “colocasse na condição de ouvintes”. Após muitas “batalhas” em terapias fonoaudiológicas, visando à oralização de deficientes auditivos, cujos trabalhos eram árduos e os resultados demorados, surge para mim, a necessidade de retomar o conceito de “surdez”.

Nessa perspectiva, as áreas da Linguística, Sociolinguística e disciplinas afins contribuíram muito para que eu pudesse aprender não somente a questão da inserção da língua de sinais como língua materna do surdo, mas, principalmente, ressignificar o modelo médico de reabilitação, no qual fui formada, cujo foco é “normatizar” o indivíduo surdo para que ele “seja como um ouvinte”. Ao mesmo tempo, por meio das leituras em disciplinas que cursei no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, venho aprendendo sobre formação de identidade do ponto de vista social e político, representações sociais, a importância da história na compreensão de todos esses aspectos, entre muitos outros. Essas informações vêm me ajudando a entender esta nova forma de ver o Surdo. Atualmente, consigo visualizar o Surdo, sua língua, sua comunidade. Mas, para alcançar esse nível de compreensão, lutei contra meus próprios pré-conceitos, contra tudo o que me havia sido ensinado. Com isso, também consigo aprender com a teoria, com a vivência e com a convivência com as minhas angústias, que existe uma forma mais real e humana de se enxergar o Surdo¹.

Assim, neste estudo, surdez não diz respeito à “deficiência auditiva”, num sentido restrito, biológico, mas às identidades dos surdos; por outro lado, não significa “identidade entendida como pleno conhecimento e o pleno domínio de si mesmo”, nem como a maneira de “ser alguém de forma definitiva”, como advertiu Jorge Larrosa (1998, p. 18). Identidade surda, aqui, refere-se à maneira como os surdos definem a si mesmos.

¹ Em conformidade com as ideias de Sá (2002), destaca-se que, nas últimas duas décadas, alguns grupos têm utilizado o termo “Surdo”, com letra maiúscula, para fazer referência a uma categoria cultural de auto-identificação, isto é, àqueles que ativamente se identificam com a experiência da surdez, em contraste com a palavra “surdo”, com minúscula, que diz respeito apenas ao fato da deficiência auditiva, ou seja, àqueles que buscam acomodar-se à sociedade dos ouvintes pela autonegação.

Aqui, cabe uma citação de José de Souza Martins (1993), quando expressava o desejo (que também é meu) de

que nosso trabalho encorajasse os pesquisadores das ciências sociais a trabalharem mais amplamente com a concepção de que os mudos da História, os deserdados, banidos e excluídos, os sucateados pelas conveniências do poder e do grande capital, são cada vez mais sujeitos do processo histórico. Reconhecendo que há neles uma rica inteligência dos processos e situações em que estão envolvidos. (MARTINS, 1993, p. 34).

Enfim, por tudo que mencionei, interessei-me em estudar os Surdos, mais especificamente as suas identidades, que venho investigando e acompanhando por meio de uma comunidade surda, denominada: “Surdos - relacionamento de namoro”, existente no site *Facebook*.

Assim, a partir da necessidade de entender como os sujeitos surdos constroem suas identidades nessa comunidade virtual, procurei analisar suas enunciações discursivas com o objetivo de desconstruir o discurso ideológico dominante, fundamentado nos moldes patológicos, que localiza o surdo em dimensões clínicas e terapêuticas da “cura” e da “normalização”. Procurei analisar o sujeito surdo, deslocando o discurso sobre a surdez ancorada na visão do déficit, na falta da audição, para o discurso pautado nas diferentes formas de se designar como surdo.

A partir desse viés, foi elaborada a seguinte pergunta de pesquisa, como forma de balizar as questões levantadas, com intuito de direcionar meu olhar interpretativo, perseguindo respostas à questão: como são construídas as identidades surdas em uma comunidade surda na internet?

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativo, com foco especial na análise das interações relevantes para a constituição identitária dos sujeitos que participam da comunidade surda na internet. Desse modo, serão utilizados vários campos do conhecimento que me auxiliarão a compor o mosaico de identidades.

Nesta introdução, descrevi sucintamente minha trajetória como fonoaudióloga. Acredito que minha experiência na área da surdez deixa clara a motivação que deu origem a este estudo.

Além da introdução, esta dissertação está organizada em quatro capítulos.

No capítulo 1 - Fundamentação Teórica - apresento os pilares teóricos que ancoraram esta pesquisa, o conceito de identidade e diferença, buscando suporte em pesquisadores que abordam a constituição identitária surda, como Sá (2002, 2006), Skliar (1997, 1998), Moura (2000), Perlin (1998) e Amaral (2004), entre outros. Também recorro aos teóricos dos estudos culturais para definir o conceito de identidade, como Hall (2000) e Woodward (2000). Utilizo os conceitos de discurso e identidade, tomando por base pesquisadores como Foucault (1997) e Fairclough (2001, 2003). Finalizo a fundamentação teórica, discorrendo sobre a questão do corpo como discurso, apoiada em Foucault (2010), Goffmann (1975) e Vianna (2014).

No capítulo 2 - Metodologia de Pesquisa - justifico minha escolha metodológica, descrevo o contexto, os participantes, os instrumentos de coleta e os procedimentos de análise.

No capítulo 3 - Análise e Discussão dos Dados - procuro analisar manifestações linguísticas e imagéticas, com a finalidade de responder aos questionamentos deste estudo.

Finalmente, nas Considerações Finais, retomo as perguntas da pesquisa, as considerações a que cheguei, não esquecidas suas limitações, as quais sugerem a necessidade de mais pesquisas para aclarar a problemática com que me confronto.

CAPÍTULO 1

Fundamentação teórica: reunindo as peças do mosaico

Uma parte de mim é todo mundo. Outra parte ninguém, fundo sem fundo. / Uma parte de mim é multidão. Outra parte estranheza e solidão. / Uma parte de mim pesa, pondera. Outra parte delira. / Uma parte de mim almoça e janta. Outra parte se espanta. / Uma parte de mim é permanente. Outra parte se sabe de repente. / Uma parte de mim é só vertigem. Outra parte linguagem. / Traduzir uma parte na outra parte – que é uma questão de vida ou morte – será arte? (GULLAR, 1989, p. 96).

Neste capítulo, tenho por objetivo apresentar as discussões teóricas em que me pauto para discutir as práticas identitárias de sujeitos surdos em ambiente virtual. Início com a discussão entre os conceitos de identidade e diferença, identidade e surdez e também examino questões relacionadas à identidade e ao discurso - fundamentalmente em relação a temas como discurso e poder. Essa discussão tem como finalidade não apenas demonstrar o arcabouço teórico que fundamenta a análise levada a cabo nesta pesquisa, mas também como diversos pesquisadores vêm utilizando o conceito de identidade na cultura surda.

Mediante os conceitos citados acima, apresento em cada uma das sessões uma resenha crítica sobre identidade e construção da surdez como subsídio para entender algumas discussões, como estigma, alteridade e “patologização” dos sujeitos, e, logo depois, questões relacionadas à cultura e comunidade surda.

1.1 Identidade e Diferença

O conceito de identidade é tão amplo e heterogêneo que assume conotações e interpretações diferenciadas e bastante complexas; por essa razão, tem sido alvo de discussões das várias áreas do conhecimento. De acordo com o Dicionário Universal da Língua Portuguesa – DPLP – (2007), a palavra *identidade* significa “a qualidade do que é idêntico; paridade absoluta; conjunto de elementos que permitem saber quem uma pessoa é”. Compreendendo a própria polissemia da palavra, o termo dicionarizado corresponde a uma concepção fixa de identidade, contrária à proposta deste trabalho.

De acordo com Sá (2002), a expressão “*deficiente auditivo*” é utilizada, com preferência, no contexto médico-clínico, enquanto que o termo “*surdo*” está mais afeito ao marco sociocultural da surdez. Nos Estudos Surdos, enfatiza-se a *diferença*, e não a *deficiência*, porque se acredita ser nela que se baseia a essência psicossocial da surdez: o surdo não é diferente unicamente porque não ouve, mas porque desenvolve potencialidades psicoculturais diferentes das dos ouvintes. Ora, a distinção entre surdos e ouvintes envolve mais que uma questão de apenas a audiologia; trata-se de uma questão de significado: os conflitos e diferenças que surgem referem-se a formas de ser.

A discussão em torno do conceito de identidade logo remete à questão da diferença, visto que a identidade cultural somente pode ser compreendida em sua ligação com a produção da diferença, que não é outra coisa senão um processo discursivo social (SÁ, 2002). O que vai sustentar um novo olhar sobre as diferenças são as novas formas de representá-las e ressignificá-las. Nesse contexto, aparecem os Surdos, sujeitos geralmente colocados à margem do mundo econômico, social, cultural, educacional e político, e descritos como pessoas deficientes, incapazes, desapropriadas de seus direitos e da possibilidade de escolhas.

As identidades surdas advêm de uma construção imperativa de identidade cultural dos sujeitos, com suas peculiaridades e especificidades, que vão além dos aspectos clínicos e/ou patológicos. Os sujeitos surdos vivem numa sociedade com uma demanda linguisticamente complexa, ou seja, uma sociedade de pessoas que ouvem e falam e que detêm uma relação de poder por usar uma língua oral-auditiva, neste caso a Língua Portuguesa. Dessa forma, as pessoas surdas são vistas como subculturais, que não têm cultura própria, motivo pelo qual necessitam de algumas adequações, deficientes que necessitam entrar na linha da normalização, pois precisam urgentemente ser iguais à maioria; precisam falar, ver, ouvir, andar, fazer parte de uma cultura dita padrão para serem, então, consideradas incluídas na sociedade (SKLIAR, 1998).

Sendo assim, a identidade surda sempre está em proximidade, em situação de necessidade com o outro igual, onde as pessoas com surdez revelam que não vivem de adaptação ou reabilitação, criam meios de ser e estar no mundo, como qualquer ser humano faz.

Vivemos em uma sociedade onde é recorrente o discurso da normalidade, ou seja, daquilo que está dentro da norma considerada ideal, adequada e aceita. Nesta perspectiva, os sujeitos que não se enquadram nessa norma são marginalizados, passando a fazer parte dos grupos denominados minoritários. Nesses grupos estão inseridos negros, deficientes físicos, cegos, obesos, homossexuais, índios, surdos e todos aqueles que possuem algo que os caracterize como diferentes. No que tange ao termo minorias, Skliar (2001) explica que não se refere à medida numérica de um grupo, pois, muitas vezes, alguns grupos representam quantitativamente uma maioria numa população determinada, como é o caso dos negros na África do Sul.

Assim, não é o quantitativo que demarca o território majoritário, mas um tipo de mecanismo de poder que outorga tal condição. Concordo com o autor, quando explica que, provavelmente, não exista nenhum grupo que seja minoritário, mas, que existe sim um processo de alterização, de “minorização”. Esse processo é a prática de fazer com que o outro seja pensado, produzido e inventado como minoritário. Por esse viés, podemos compreender que os grupos minoritários são produzidos nas relações de poder e que, quando grupos são nomeados como minoritários, estão automaticamente sendo concebidos como “outros”, os atores coadjuvantes da história.

Em relação às diferenças, elas se tornam uma espécie de marca na vida dos sujeitos que as possuem, marcas estas que não apenas os colocam em posição de desvantagem em relação aos ditos normais, mas também fazem com que os diferentes sejam vistos como inferiores. Amaral (2004) explica que, ao discutirmos questões relacionadas às diferenças, precisamos também pensar na semelhança, na homogeneidade, na normalidade e na correspondência com determinado modelo. Para a autora, existem diferenças referentes a características ou opções que, mesmo sinalizando dessemelhanças, não geram conflitos, como características físicas (cor dos cabelos, cor dos olhos), ou preferência por cores, times de futebol, tipos de música etc. Porém, ela reconhece a existência da *diferença significativa*, que se refere ao desvio e à anormalidade. Nesse conceito, incluem-se aquelas diferenças que “saltam aos olhos”, tornando mais complexos os contextos e as relações humanas que se estabelecem a partir de características, sinalizando para o significativamente diferente.

Outro aspecto que considero relevante discutir é a “patologização da diferença”, que consiste na percepção da diferença como doença, patologia, deficiência, déficit. Dito com outras palavras, é a concepção segundo a qual as diferenças são compreendidas como algo nocivo, indesejável, e como algo que sugere práticas de medicalização em busca da cura e da reabilitação.

A fim de aprofundar essa discussão, busco novamente aporte teórico em Amaral (2004). A autora afirma que essa patologização pode, em circunstâncias peculiares, voltar-se para o aspecto social ou individual, sendo mais recorrente o investimento no primeiro. Penso que, ao tratar desse assunto, é relevante refletirmos sobre o papel dos estereótipos na vida dos sujeitos diferentes.

Para a autora, o estereótipo pode ser entendido como a concretização e a personificação do preconceito. Ela explica que é criado um tipo fixo e imutável que passa a caracterizar o objeto desse preconceito, seja ele um grupo, uma pessoa ou um fenômeno. Compreende que o estereótipo é algo que reduz os sujeitos ou grupos a quem se refere, ou seja, resume esses sujeitos apenas às características atribuídas ao referido estereótipo.

Outra característica do estereótipo é a sua capacidade de generalização, ou o modo como coloca os sujeitos diferentes em um “único pacote”, por exemplo, ao afirmar que todos os surdos gostam de isolamento, são revoltados etc. Ao ocorrerem tais generalizações, as especificidades de cada um dos sujeitos são desconsideradas, ficando em evidência somente o estereótipo.

Para Hall (2003), estereótipo pode ser definido como um conjunto de “práticas representacionais” que possuem efeitos essencializantes, reducionistas e naturalizantes. Ele reduz as pessoas a características simples e essenciais que passam a ser como fixas, impostas pela natureza e, por isso, permanentes. Nessa perspectiva, podemos compreender o estereótipo como se não existisse nenhuma outra característica além dele.

É relevante enfatizar que, muitas vezes, é feito todo um investimento no corpo dos sujeitos deficientes, no sentido de identificar as causas da “doença” e de buscar sua possível cura. A partir disso, os sujeitos são nomeados como cegos, deficientes físicos, surdos e, conseqüentemente, doentes, incapazes, diferentes e anormais. O que busco considerar com essas afirmações é, primeiramente, o papel da medicina,

nomeando e rotulando os sujeitos, e o quanto tais rótulos podem produzir estigmas e preconceitos em relação a determinados grupos de sujeitos.

Espera-se que um indivíduo estigmatizado se comporte de maneira que seu estigma fique evidente. No caso dos surdos, ainda hoje, há uma rotulação de incapacidade linguística e até intelectual. Por isso, um surdo que supera as barreiras linguísticas e sociais e ingressa numa faculdade, numa pós-graduação ou tira carteira de motorista, ainda provoca surpresa, curiosidade ou espanto das pessoas (GOFFMANN, 1983).

A título de exemplo, cito o artigo de Xavier, Jesus e Joseph (2014), que desenvolveram um curso de inglês a distância para alunos surdos, como uma alternativa possível para minimizar a discrepância na formação de professores e na escassez de números de cursos de inglês para a comunidade surda.

Parafraseando Santana (2007), essa mudança de estatuto da surdez, de patologia para fenômeno social, vem acompanhada também de uma mudança de nomenclatura, não só terminológica, mas conceitual: de *deficiente auditivo* para *surdo*, ou ainda, *Surdo*. Antes, os surdos eram considerados deficientes e a surdez era uma patologia incurável. Agora, eles passaram a ser “diferentes”. Deficiente auditivo e surdo, ou Surdo, como cita Moura (2000), por exemplo, são termos ideologicamente marcados. Conferir à Língua de Sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões linguísticas e cognitivas; tem repercussões também sociais. Ser normal implica ter língua, e se a anormalidade é a ausência de língua e de tudo o que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem etc.), a partir do momento em que se configura a Língua de Sinais como língua do surdo, o estatuto do que é normal também muda. Ou seja, a Língua de Sinais acaba por oferecer uma possibilidade de legitimação do surdo como “sujeito de linguagem”. Ela é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença, em normalidade (MOURA, 2000).

Hall (2000) distingue três concepções muito diferentes de identidade. São elas: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico, sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo está baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, consciência e ação. O “centro” desse indivíduo consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo

da existência do indivíduo. O autor ainda acrescenta que “o sujeito do iluminismo era usualmente descrito como masculino” (HALL, 2000, p. 11). Nessa concepção, a representação de identidade o reportava a ser o sujeito imponente e masculino dotado de poderes, capacitado, “normal”.

Outra concepção de identidade, em Hall (2000, p. 11), é a do sujeito sociológico. A noção de sujeito sociológico reflete a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que o citado núcleo interior do sujeito não é autônomo e autossuficiente, mas formado na relação com outras pessoas importantes para ele. Tais pessoas promovem a mediação entre o sujeito e os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habita.

A concepção do sujeito sociológico, descrita por Hall, demonstra, sem dúvida, uma visão um pouco mais ampla sobre a importância do social para a formação do indivíduo. Apesar de admitir a influência do social na vida e construção do sujeito, esta concepção não abandona a ideia de essência. O indivíduo possui uma essência, seu “Eu”, que pode ser modificado, lapidado pelo mundo exterior.

A terceira concepção de identidade, discutida por Hall (2000, p. 13), refere-se ao sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade se torna uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Com base nos estudos de Hall (2000), é possível observar que as identidades são descentradas e que poucas persistem nos termos de centralização. A concepção de descentramento se refere ao fato de que o iluminismo traçou um modelo de pessoa perfeita, que deveria ser almejado por todos.

A concepção de identidades surdas muda de sujeito para sujeito. Ela muda da mesma forma que não temos uma identidade única de não surdos/ouvintes. No meu conceber, não existe um modelo de identidade surda. Percebe-se a fragmentação das identidades surdas no momento em que se olha a diferença existente entre os surdos. O surdo ainda convive com uma sociedade culturalmente esterilizada que o estimula a viver a identidade moldada numa representação de tipo iluminista.

Para Silva (2000), a identidade, tal como a diferença, é uma relação social, sendo sua definição sujeita a vetores de força e a relações de poder. A marca da normalização aparece como um desses vetores que impulsionam a fixação do

sujeito surdo de acordo com um padrão: o “normal”. A normalização é, portanto, um dos processos mais sutis, pelo qual o poder se manifesta ao eleger uma identidade e a ela atribuir todas as características positivas possíveis, ficando as demais identidades sempre em um nível inferior. Por isso, a identidade “normal” é tão desejada, por ser considerada como única e natural. Sua força é tal que a identidade normal não é considerada como **uma** identidade, mas como **a** identidade (SILVA, 2000). Portanto, por serem estreitamente dependentes, os conceitos de identidade e de diferença se ligam intimamente ao conceito de representação que, segundo Silva (2000), é um sistema linguístico e cultural arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder.

Silva, Hall e Woodward (2000) enfatizam que a questão da identidade tem sido intensamente discutida, com o argumento de que as velhas identidades – que traziam a visão de sujeito unificado – entraram em declínio, propiciando o surgimento de novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. Os autores apontam que as pesquisas mais recentes nas Ciências Sociais e Humanas trazem uma compreensão do sujeito social que chama a atenção para a sua natureza fragmentada, heterogênea, contraditória e fluída, e o vê sempre aberto para as revisões identitárias.

Assim, parece ser permitido pensar na possibilidade que uma pessoa possa ter de assumir diferentes identidades em diversos momentos e situações. Afinal, há confrontos de diferentes identidades e seus apelos, dentre as quais, ainda que em diferentes graus e medidas, é possível realizar escolhas. No entanto, é preciso ter sempre em mente a advertência de Santana (2007) sobre o fato de que não há escolhas “livres” nas identidades das pessoas e que isso independe da vontade delas. Afinal, as identidades são determinadas, segundo a autora, “[...] pelas práticas discursivas, impregnadas por relações simbólicas de poder” (SANTANA, 2007, p. 42).

Para Silva (2000), identidade e diferença têm uma estreita relação de dependência. Por trás da afirmação de que somos algo, há uma extensa cadeia de negações, de expressões negativas de identidade e de diferenças. E afirmações sobre diferença também só fazem sentido se compreendidas em sua relação com afirmações sobre a identidade: quando se diz o que é, também diz-se o que não é – uma cadeia de declarações negativas sobre outras identidades geralmente fica

oculta. Sob essa ótica, dizer que é ouvinte significa dizer que não é surdo, não é usuário de Língua de Sinais, não pertence a um grupo minoritário etc.

Em sua argumentação, Silva (2000) entende que identidade e diferença, além de serem interdependentes, apresentam várias características em comum: a) resultam de atos de criação linguística, isto é, são criadas por meio de atos de linguagem; b) têm que ser ativamente produzidas; c) são criações sociais e culturais; d) à medida que são definidas, em parte por meio da linguagem que se apresenta como um sistema de significação que tem uma estrutura instável, também são marcadas pela indeterminação e instabilidade; e e) são resultado de um processo de produção simbólica e discursiva.

O autor argumenta ainda que, por serem relações sociais e terem constituição discursiva e linguística, ambas estão sujeitas a vetores de força, a relações de poder. Portanto, não são definidas e sim impostas; não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, mas são disputadas.

A definição de que alguém pertence a uma determinada identidade, o que marca – em consequência – a diferença, implica as operações de incluir e de excluir. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído, sobre quem é *insider* e quem é *outsider* (ELIAS; SCOTSON, 2000). Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras e fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora: “a identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós’ e ‘eles’”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder” (SILVA, 2000, p. 82).

Assim, de acordo com esse mesmo autor:

Fixar uma determinada identidade como norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. (SILVA, 2000, p. 83).

Frente a isso, percebe-se o quanto a identidade das pessoas se constitui com base no jogo de identidade e diferença (SILVA, 2000), uma vez que é a partir do outro que o autoconceito se produz, ou seja, é a partir das relações sociais que cada um se reconhece como um sujeito singular. Nesse caso, a diferença é aquilo que o outro é e eu não sou, já que, à medida que se afirma ser surdo, automaticamente, se nega a condição de ouvinte.

Segundo Castells (2002, p. 44), “toda e qualquer identidade é construída. A principal questão [...] diz respeito a como, a partir de que, por quem, e para que isso acontece”. Nesse processo de construção, embasado na desconstrução e reconstrução constantes pressionadas pela fluidez dos conceitos e das instituições na modernidade tardia, as identidades podem ser fixadas, com propósitos ideológicos, ou subvertidas, com propósitos de resistência à dominação, pois a identidade é um significado atribuído cultural e socialmente. Identidade e diferença estão associadas a sistemas de representação – “questionar a identidade e a diferença significa [...] questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação” (SILVA, 2000, p. 91). Aquilo que é dito contribui para definir ou reforçar a identidade que se descreve – e o contato com o “outro” pode incentivar a produção de novos binarismos, como o do dominante tolerante e do dominado tolerado, ou da identidade hegemônica, mas “benevolente”, e da identidade subalterna, mas “respeitada” – identidades que são, no processo de produção de significados, construídas, reconstruídas ou questionadas, numa época de contestação, crise e busca pela estabilidade que já não se apresenta numa época denominada modernidade tardia, marcada pela flexibilização, pela instabilidade e pela fluidez (LIMA, 2006).

Neste cenário, as identidades em conflito estão no cerne das mudanças sociais, políticas e econômicas, e contribuem para essas mudanças (WOODWARD, 2000).

1.2 Identidade e Surdez

A pesquisadora surda brasileira Gladis Perlin (1998) classifica as identidades surdas da seguinte forma: identidades surdas híbridas, identidades surdas de transição, identidades surdas incompletas e identidades surdas flutuantes.

As identidades surdas híbridas se referem aos ouvintes que, por algum motivo (enfermidade, acidentes, entre outros), perderam a audição e se apropriam da Língua de Sinais para se comunicar. Na verdade, o ex-ouvinte assume duas línguas, porém, ele se identificará mais precisamente com a comunidade dos sujeitos surdos. Assim, “eles captam do exterior a comunicação de forma visual, passam-na para a língua que adquiriram por primeiro e depois para os sinais” (PERLIN, 1998, p. 63).

As identidades surdas de transição estão presentes na maioria dos casos de surdos filhos de ouvintes. Eles cresceram com a ideia da oralização ou do ouvintismo², justamente por causa dos familiares ouvintes; depois, tiveram a experiência com a Língua de Sinais. O momento de transição acontece aí: os surdos vão se identificando com a comunidade surda, mas, “embora passando por essa des-ouvintização, eles ficam com sequelas da representação que são evidenciadas em sua identidade em reconstrução nas diferentes etapas da vida” (PERLIN, 1998, p. 64).

Os surdos que vivem sob o comando de uma ideologia ouvintista latente, normalmente possuem uma identidade surda “incompleta”. Unem-se aos ouvintes para socializar os demais surdos, de modo que sejam iguais à cultura hegemônica.

As identidades surdas flutuantes têm a ver com os surdos que apresentam um posicionamento “consciente” de ser ou não ser surdo. São surdos que não conseguiram estar a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação, e nem a serviço da comunidade surda por falta da Língua de Sinais. É o sujeito surdo construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas, fragmentadas (PERLIN, 1998, p. 66).

Em consonância com Perlin, a fonoaudióloga Maria Cecília de Moura (2000) afirma que somente pela posse da língua de sinais, considerada “natural”, adquirida em qualquer idade, o surdo constituirá uma identidade surda. Sendo assim, para alguns autores, como Perlin (1998) e Moura (2000), somente por meio da Língua de Sinais é que o sujeito surdo poderá construir uma identidade surda (fixa, vale a pena ressaltar). Isso acaba por proporcionar ao surdo o sentimento de que pertence a

² O “ouvintismo”, segundo Skliar (1998, p. 15), “[...] é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. O “oralismo”, segundo Sanchez (1990 apud MOURA, 2000), se baseou em muitas técnicas, que foram se desenvolvendo com o avanço da tecnologia (aparelhos de amplificação sonora individual e coletiva, para um maior aproveitamento dos restos auditivos), das investigações e dos trabalhos nas clínicas foniátricas. Todos se baseavam na necessidade de oralizar o Surdo.

determinado grupo – não mais a um grupo de “anormais”, mas a um grupo específico de surdos. Com isso, vem a ideia de que só nesse grupo ele é capaz de adquirir sua identidade, “a identidade surda” (SANTANA, 2007).

Na esteira de Santana (2007), a constituição da identidade do surdo não está necessariamente relacionada à Língua de Sinais, mas, sim, à presença de uma língua que lhe dê a possibilidade de se constituir como “falante”, ou seja, está ligada à constituição da própria subjetividade pela linguagem e às implicações dessa constituição nas relações sociais.

Pode-se complementar o raciocínio exposto, com Sá (1998), ao afirmar que a identidade é o resultado de práticas discursivas e sociais, já que toda identidade é construída com o outro e a partir do outro. O sujeito se constitui com o outro pela linguagem, através de um processo dialético composto de fluxos e refluxos, de idas e vindas, de tomadas e retomadas de pontos de vista alheios, de valores etc. As identidades não estão nos indivíduos, mas são construídas nas relações com as pessoas.

Sá (2002) ressalta o fato de que cerca de 96% dos surdos são filhos de pais ouvintes; diante desta realidade, o que se destaca não é o aspecto linguístico ou cognitivo, mas o aspecto identitário, pois esses surdos se deparam com uma série de construções identificatórias que se iniciam com a expectativa dos pais, e diagnósticos tardios esmagam o estabelecimento da identidade. No entanto, não é conveniente frisar a existência de identidade surda única, como se esta se manifestasse a partir de traços universais que os traduzissem completamente – os surdos são assim; o surdo e a comunidade surda são plurais, heterogêneos como é todo agrupamento humano. Toda identidade é dinâmica e transformada continuamente.

Identidade é uma construção permanentemente (re)feita que busca determinar especificidades que estabeleçam fronteiras identificatórias com o outro, bem como obter o reconhecimento de sua pertinência pelos demais membros do grupo social ao qual pertence. É nas práticas discursivas que o sujeito emerge e é revelado: é principalmente no uso da linguagem que as pessoas constroem e projetam suas identidades (MAHER, 2001, p. 117).

A identidade é, assim, formada por diferentes papéis sociais que assumimos e, vale salientar, não são homogêneos. Podem ser religiosos, políticos, funcionais,

estéticos, de gênero. A distinção entre ouvintes e não ouvintes, de certa maneira, cria um obstáculo teórico: define o grupo de não ouvintes como sendo o único no qual os surdos se inserem. A identidade, neste caso, só pode ser construída de forma negativa.

Em suma, dificilmente podemos falar em uma identidade surda. A constituição da identidade do sujeito está relacionada às práticas discursivas – e não a uma língua determinada – e às diversas interações sociais no decorrer de sua vida – na família, na escola, no trabalho, nos cursos que faz, com os amigos. Diante de muitas leituras realizadas, é possível observar que os surdos não são reconhecidos pelos diferentes e múltiplos recortes de sua identidade, linguagem, raça, cognição, gênero, idade, religião, comunidade e culturas. Os surdos, como tantos grupos humanos, são definidos somente a partir de seus supostos traços negativos, percebidos exclusivamente como exemplos de um desvio de normalidade.

Acredito que compreender a identidade surda vai além do discurso que pressupõe a língua como o único foco presente na discussão da identidade do sujeito surdo; esquece-se de evidenciar a diversidade cultural, a capacidade do ser humano e sua pluralidade na constituição do ser. A surdez é heterogênea, portanto, há o sujeito surdo homem, mulher, homoafetivo, aquele que se tornou surdo, o surdo oralizado, entre outros. A surdez está fortemente enraizada, na sociedade em geral, como algo circunscrito à área médica e os médicos, por sua vez, reivindicam a responsabilidade pela “cura” da surdez. O conceito de normalização está vinculado à área clínica e, no campo da surdez, aparece principalmente relacionado à reabilitação clínica sendo, por isso, comumente ligado a noções como treinamento e desenvolvimento.

Os surdos estiveram, nas relações com os ouvintes, marcados por estigmas e discriminações pesadas, assim como quaisquer outros indivíduos que, surdos ou não, demonstrassem alguma marca física visível e que significasse um defeito, algo inexplicável e, até mesmo, amedrontador, posto que monstruoso era anormal (FOUCAULT, 2001).

Como diz Botelho (2002), os surdos geralmente são estereotipados pela sociedade como agressivos e desconfiados, porque eles temem muita opressão, há muito antagonismo e mantêm uma atitude de reserva em relação aos ouvintes. Isso ocorre porque os surdos se sentem em uma posição inferior perante os ouvintes, por

não saberem ler e escrever, e também por eles terem contato permanente com um discurso “ouvintista”.

O “ouvintismo”, segundo Skliar (1998, p. 15), “[...] é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. Nessa perspectiva, as práticas ouvintistas, segundo Camillo (2008, p. 23-24), podem ser definidas como

[...] conjunto de estratégias e ações que podem ser tanto físicas, visíveis ao corpo do surdo, como as próteses auditivas, por exemplo, quanto subjetivas, como as formas de disciplinar o surdo, as normas, os costumes, jeitos e trejeitos “ouvintes”, sujeitando esses sujeitos ao ouvintismo, às práticas de normalização que imprimem um jeito de “ser surdo ouvintizado”. (grifos da autora).

Com a evolução dos estudos da medicina sobre a surdez, as ciências da vida começaram a categorizar os sujeitos surdos, segundo suas representações, em graus de surdez (os surdos leves, de um lado, e os profundos, em outro extremo); desse modo, os surdos passaram a ser considerados “doentes” e “deficientes”. O fato de os sujeitos surdos terem dificuldade para ouvir e falar reforçou esta representação (STROBEL, 2006).

Então, se um sujeito surdo se sobressai, e excepcionalmente aprendeu a falar e a ler os lábios, isto faz muita diferença na representação social; de fato, quanto mais insistem em colocar “máscaras” nas suas identidades e quanto mais manifestações de que para os surdos é importante falar para serem aceitos na sociedade, mais eles ficam nas próprias sombras, com medos, angústias e ansiedades. As opressões das práticas ouvintistas são comuns na história passada e presente para o povo surdo (STROBEL, 2007, p. 27).

Esta visão silencia o sujeito surdo, não respeitando a sua língua de sinais e sua cultura, porque a falta de audição tem um impacto enorme para a comunidade ouvinte, que estereotipa os surdos como “deficientes”, pois a fala e a audição desempenham o papel de destaque na vida “normal” daquela sociedade. Repito que, de acordo com Skliar (1998, p. 15), a prática ouvintista tem se perpetuado até o presente, pois “[...] é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem as percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais”.

Deficiente Auditivo - D. A.: este termo, “deficiente”, geralmente é utilizado na área da saúde, em que se classifica em “graus” a surdez. Já os sujeitos que convivem com a comunidade surda usam o termo “surdo”, pois entendem que esta denominação engloba uma diferença cultural.

Segundo Skliar (1997), o uso do termo Surdo ou deficiente auditivo aponta, também e principalmente, para uma diferença de concepção da surdez.

A concepção clínico-patológica concebe a surdez como uma deficiência a ser curada através de recursos, como: treinamento de fala e audição, adaptação precoce de aparelhos de amplificação sonora individuais, intervenções cirúrgicas, como o Implante Coclear etc. Nesse sentido, o encaminhamento é o trabalho fonoaudiológico e a escola comum, com o objetivo de “integrar” a pessoa surda no mundo dos ouvintes através da “normatização” da fala.

A concepção sócio-antropológica, por sua vez, concebe a surdez como uma diferença a ser respeitada e não uma deficiência a ser eliminada. O respeito à surdez significa considerar a pessoa surda como pertencente a uma comunidade minoritária com direito a língua e cultura própria.

De acordo com Perlin (1998), dentro de uma comunidade social – seja ela minoritária ou não – não existe apenas uma única identidade. Como somos plurais, este processo se constitui como sendo dinâmico, pois, à medida que o sujeito vai se estruturando dentro do seu grupo, também vai assumindo ou rejeitando algumas características impostas pelo sistema a que pertence. Mas, o interessante disso é que a identidade está sempre em processo de formação ou transformação.

Para a autora citada, os sujeitos surdos vivem em uma situação de marginalização. Criaram-se estereótipos que reforçam as visões negativas dos ouvintes: “Os surdos foram acumulando estereótipos que têm reforçado cada vez mais a hegemonia discriminatória da sua produção cultural. O discurso do poder ouvinte mantém-se firme e controla estes estereótipos” (PERLIN, 1998, p. 55).

Mais uma vez, venho ressaltar que não existe uma identidade surda exclusiva, pois ela é mutável e construída por papéis sociais diferentes; assim, o sujeito pode ser, além de surdo, rico, professor, alemão, católico e homossexual. É preciso registrar que é também pelas línguas, como Língua de Sinais e Língua Portuguesa, que ele constrói sua subjetividade.

A comunidade ouvinte estereotipa os sujeitos surdos como “deficientes”, deficiência esta que representa falta de algo, não a presença de algo, porque para essa comunidade o silêncio é igual ao vácuo, pois a articulação e a fala são privilegiadas na sociedade, enquanto a Língua de Sinais já não o é (SKLIAR, 1998).

A comunidade ouvinte da área da saúde, ao estereotipar os sujeitos surdos como “deficientes”, faz com que esses sujeitos acreditem nas suas limitações que originalmente não têm, fazendo com que se conformem e se acomodem. Isso, conseqüentemente, prejudica o desenvolvimento de suas potencialidades e a construção de suas identidades culturais. Assim, reforçam Sternberg e Grigorenko (2003, p. 18):

Uma vez que as crianças são rotuladas [...] é acionado um conjunto complexo de mecanismos que torna provável o rótulo de se tornarem uma profecia auto-realizável, quer ela seja ou não originalmente correta.

Hoje há muitos sujeitos surdos que acreditam nesse estereótipo, acomodam-se a ele e têm conflitos de identidades. Isso é consequência de muitos anos de opressões ouvintistas e desrespeito a suas identidades, como diferença cultural. A situação pode ser pior ainda, pois, em vez de se acomodarem, revoltam-se contra a prática de ouvintismo, recusando-se a aprender a falar e a agir como mandam; isto dá aos sujeitos ouvintistas o pretexto para proibir a aquisição da língua de sinais, alegando que sua aprendizagem pode provocar nos sujeitos surdos “preguiça” para falar (SKLIAR, 1998).

Não podemos esquecer que, historicamente, os surdos sempre foram vistos como inferiores aos ouvintes, como deficientes que precisavam se adequar e caminhar para a “normalidade” para isto, precisavam se oralizar. Isto marcou por muitos anos a comunidade surda, que é uma minoria linguística e que tem sim uma língua própria não oral! O surdo que tem vergonha de usar a Língua de Sinais não se reconhece como surdo e sim como um deficiente, ou seja, não conseguiu se libertar da visão de surdez que a sociedade atribuiu (MOURA, 2000).

Lane (1992) elaborou uma lista de descrições feitas por especialistas ouvintes que as forneciam para manuais e jornais da área da saúde na África. O autor relata que a referida lista é o resultado final de uma pesquisa realizada por ele durante vinte anos, nos quais investigou a “psicologia do surdo”. Ele explica que a organizou

com base na análise de trezentos e cinquenta artigos e livros que abordavam questões referentes às características de crianças e adultos surdos. Ressalta o autor que tais características resultaram de avaliações patológicas. Ele estruturou essa lista dividindo-a em quatro categorias: social, cognitiva, comportamental e emocional. E relata que, na lista, os surdos são descritos pelos psicólogos como sendo: socialmente isolados; intelectual, comportamental e emocionalmente fracos.

Cabe salientar que essas palavras são uma síntese da lista elaborada por Lane (1992), na qual constam expressões, como: “pensamento confuso”, “pouco inteligente”, “raciocínio estreito”, “facilmente irritável” e muitas outras palavras que chocam profundamente. A lista foi elaborada pelo autor a partir da análise de especialistas que estudavam e tratavam a surdez. Porém, é relevante enfatizar que esta não era uma concepção recorrente apenas na Europa, mas em todo o mundo, inclusive no Brasil.

A surdez associada à cultura ouvinte é definida como uma barreira que limita a comunicação e a participação dos sujeitos surdos. A surdez foi e, muitas vezes, ainda é concebida por muitos ouvintes como doença, perda da comunicação, exclusão do mundo e uma marca excludente de diferença. A partir desta concepção, ela é entendida pelos ouvintes como algo desagradável, uma alteridade, um estigma que produz piedade e que é sinônimo de silêncio, solidão e isolamento (WRIGLEY, 1996).

As pessoas surdas, que estão politicamente atuando para terem seus direitos de cidadania e linguísticos respeitados, fazem uma distinção entre “ser surdo” e ser “deficiente auditivo”. A palavra “deficiente”, que não foi escolhida por elas para se denominarem, estigmatiza a pessoa porque a mostra sempre pelo que ela não tem, em relação às outras e não o que ela pode ter de diferente e, por isso, acrescentar às outras pessoas (FELIPE, 2001, p. 38).

Hoje em dia, ainda ensinam os surdos a fingir ser “ouvinte”, mostrar surdez menos aparente, vivendo discretamente com a surdez ignorada. Se a surdez é moderada ou leve, há esperança de ser salvo. E os sujeitos surdos com surdez profunda terão mais dificuldade para falar:

[...] a ironia disso é que eu sou surda profunda, e tenho um domínio da fala, escrita e leitura de língua portuguesa compreensível, entretanto, estas “classificações” e “separações” dos sujeitos surdos através de graus de surdez não é adequada, cada criança surda

aprende e constrói uma identidade diferente uma da outra. (STROBEL, 2008, p. 32, grifos da autora).

E assim, os surdos são classificados de acordo com o grau de surdez, fazendo-os passar por exaustivos exames e terapias com audiometrias, usos de próteses auditivas e não com suas identidades linguísticas e culturais.

Foucault (1997, p. 154) destaca um novo tipo de poder: o “poder disciplinar”, que “combina, através da prática do exame, as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza”. Como exemplo, podemos citar casos ocorridos em escolas para surdos, sendo comum uma criança surda, sentada de frente para o professor, com os olhos atentos a qualquer movimento dos lábios, ansiosa e preocupada, sem entender; o professor, muitas vezes, fazendo exercícios fonoarticulatórios exaustivos, na tentativa ansiosa de realizar com perfeição o seu trabalho, punia a criança surda flagrada em qualquer tentativa de uso da Língua de Sinais; ela era como marionete do professor, um verdadeiro estresse e perda de motivação para a aprendizagem real e participação ativa (STROBEL, 2008)

Ainda de acordo com Strobel (2008), hoje muitos sujeitos surdos adultos e idosos ainda contam como passaram a maior parte de sua infância diante de espelhos e de aparelhagens, tentando frustradamente entender e aprender, sem sucesso, as formas corretas de articulação da fala; esta escola proibia o uso da Língua de Sinais, com o objetivo de transformar os surdos em imitação de pessoas ouvintes; certamente, há surdos que chegam a falar bem ou mal, mas isto se trata apenas de uma técnica incompleta para muitos deles.

Sabe-se que a humanidade tem toda a história dos surdos para comprovar como os caminhos destes sujeitos foram repletos de obstáculos, riscos e limitações. Desta forma, podemos observar que os preconceitos, estigmas e estereótipos têm raízes históricas e culturais.

É possível notar, de acordo com este referencial teórico, que o movimento de afirmação das identidades surdas emerge como uma forma de oposição ao ouvintismo que ainda se mostra nas sociedades hegemônicas, em favor da diferença. Há muito de se avançar no fortalecimento dos direitos daqueles que se mostram diferentes. Afinal o estereótipo da deficiência advém do julgamento do outro, daquele que não vivencia as experiências e percepções dos sujeitos por ele sentenciados (VIANNA, 2014).

1.3 Identidade e Discurso

Segundo Hall (1997), os discursos que circulam na sociedade inventam conceitos, produzem identidades. Conceitos e identidades são, para Hall, resultados de um conjunto de práticas discursivas estabelecidas socialmente a partir de relações de poder. São essas relações de poder que permitem aos que detêm mais poder atribuir aos “outros” seus significados.

Ainda de acordo com esse mesmo autor, é via discurso que

[...] os membros de uma cultura utilizam a língua (amplamente definida como qualquer sistema que empregue signos, qualquer sistema signifiicante) para produzir significados. Esta definição já carrega a importante premissa de que as coisas – objetos, pessoas, eventos do mundo – não têm em si qualquer significado estabelecido, falso ou verdadeiro. Somos nós – na sociedade, nas culturas humanas – que fazemos as coisas significarem, que significamos. (HALL, 1997, p. 61).

Assim sendo, o significado do que seja “surdez” não é fixo – ele será sempre uma representação histórica construída e determinada por relações de poder. Também a identidade é o resultado de um conjunto de práticas discursivas criadas pela representação que possibilita a associação de determinadas características a sujeitos ou grupos sociais.

Para Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 89), como já o disse, a identidade e a diferença

[...] são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação (entendida como arbitrária e ligada a relações de poder) que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representa significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. (grifos do autor).

Podemos dizer que o que nos torna mais semelhantes enquanto gênero humano é o fato de todos apresentarmos diferenças: de gênero, raça/etnia, idades, culturas, experiências, entre outras. E mais: somos desafiados pela própria experiência humana a aprender a conviver com as diferenças (GOMES, 2008).

Sobre esse aspecto, em primeiro lugar, é importante esclarecer que a diferença é uma marca identitária do surdo, que não se vê como deficiente, mas

como diferente e, por isso, há a necessidade de marcar posição, reafirmando-a. Ao falar de identidade e diferença, busca-se conhecer a base em que o “ser surdo” foi construído, a partir do reconhecimento de suas características próprias, determinantes para a aceitação deste grupo na sociedade. Identidade e diferença são inseparáveis.

Gomes (2008, p. 22) afirma que, “assim como a diversidade, a identidade [...] não é inata. Ela se constrói em determinado contexto histórico, social, político e cultural”. A identidade e a diferença, representadas pela linguagem, determinam as relações de poder, impondo estilos e padrões na sociedade, de forma que essa representatividade geralmente estabelece quais grupos sociais serão majoritários e quais estarão “à margem” dela. É neste contexto que as identidades surdas se colocam, ou seja, um grupo considerado subalterno, inferior, minoritário, segundo esta representação.

Segundo Woodward (2000), a identidade se constrói a partir da diferença, da percepção de si e do outro e da exclusão do outro, pela valorização do “eu” em detrimento do “outro”. A identidade é construída socialmente: as pessoas tendem a construir posições de sujeitos para outras, tomando a si próprias como referência. A emergência das questões sobre identidade se deve à rapidez das mudanças sociais, culturais e econômicas na modernidade tardia, quando estruturas estáveis começam a ruir: identidades antes consideradas fixas são afetadas por essas mudanças e se tornam fluidas, desestabilizadas.

As identidades, assim como as diferenças, são criadas no contexto das relações sociais e culturais – por conseguinte, são ativamente produzidas no discurso, e é por meio dele que são instituídas.

Para este trabalho será adotado o conceito de discurso de Foucault (1970), retomado por Fairclough (2001, p. 90), que propõe usar o termo para designar “o uso de linguagem como forma de prática social”. Essa proposta implica tomar o discurso como uma forma de ação e assumir que sua relação com a estrutura social seja dialética. Em outras palavras, o social constitui o discurso e é por ele constituído. Apesar da referência a esses teóricos, não os utilizarei como base de análise, uma vez que essa pesquisa não se aloca na linha de Análise do Discurso, mas está baseada especialmente nas concepções de construção de identidade e diferença de Hall (2000), Skliar (1998) e Sá (2002).

Considerá-lo assim, nessa reciprocidade, implica enxergar uma relação entre um conjunto de discursos particulares e uma situação social. E o cerne dessa relação entre discurso e sociedade é o poder. Desse modo, de acordo com Foucault (1997) e Fairclough (2001), compreende-se que todo dizer não é livre, sendo influenciado e carregando traços de outros dizeres circundantes. Com isso, tem-se em consideração que existem interferências sócio-históricas e culturais durante o fazer linguístico. Logo, a produção de sentidos do discurso é significada a partir de significados historicamente construídos. O discurso é, então, entendido como constituído de inúmeros enunciados que concorrem entre si para construir e posicionar os sujeitos, produzindo diferentes efeitos em cada um dos indivíduos. Ele constrói significados, valores, crenças e emerge de visões particulares, de modos de agir e de pensar sobre o mundo.

É necessário distinguir identidade pessoal de identidade social, embora ambas estejam numa relação dialética: a identidade pessoal diz respeito à personalidade, à subjetividade; a identidade social depende das circunstâncias sociais em que as pessoas nascem e de sua socialização em determinados “papéis sociais”. A relação dialética entre identidade social e pessoal está no fato de que o desenvolvimento social completo da identidade de uma pessoa (sua capacidade de agir como um agente social, intervindo e potencialmente transformando a vida social) depende dos “papéis sociais” que são pessoalmente investidos e adequados, em uma fusão entre a identidade social e a identidade pessoal (personalidade) (FAIRCLOUGH, 2003).

Ao tratar de questões de identidade, tem-se algumas marcas indicativas de poder: incluir/excluir (quem pertence, quem não pertence), demarcar fronteiras (nós/eles), classificar (capazes/incapazes), normalizar (normais/anormais). Esses indicadores de posições de sujeitos são fortemente marcados por relações de poder.

O poder de classificar e instituir a diferença consiste no privilégio de também atribuir valores aos grupos: a polarização ou a divisão binária se caracteriza aqui como uma oposição – um dos grupos recebe valor positivo, enquanto o outro recebe valores negativos –; em torno das questões de identidade e diferença, há binarismos que devem ser problematizados, para melhor compreensão das relações de poder e dominação que os determinam. Exemplos de binarismos sociais são: homem/mulher, branco/negro, normal/deficiente, ouvintes/surdos e

heterossexual/homossexual, sendo perceptíveis a atribuição de valores aos grupos que se opõem e a construção de preconceitos de bases históricas e ideológicas contra o segundo termo, representativo do grupo mais vulnerável à opressão e à subordinação, tecidas social e culturalmente através, principalmente, do discurso – elemento importante dentro das práticas sociais (LIMA, 2006).

Entendo que o discurso produz sentidos, significados, subjetividades, para além do ato da fala. O discurso não se resume ao que dizem as palavras, pois ele tem papel decisivo nas práticas sociais (FOUCAULT, 1996).

Enfim, no que concerne às relações de poder, podemos observar que estão em todos os lugares e nos flecham em todos os sentidos, pois, onde existem relações sociais humanas, existirão relações de poder.

1.4 Corpo como Discurso

A disciplina fabrica [...] corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo. (FOUCAULT, 1996, p. 127, grifo do autor).

Os sujeitos surdos, conforme a descrição dicionarizada do termo, são enquadrados na categoria de “portadores” de deficiência sensorial, sujeitos que “não ouvem”, ou que “ouvem mal”, ou seja, possuidores de uma anomalia, um déficit, que os impede de serem encarados socialmente como os ditos “sujeitos normais”. Ao se trabalhar, entretanto, no registro do conceito de normalidade, é imprescindível não cair na armadilha da definição de *normalidade*, pois, em se tratando desse conceito de tamanha ambivalência, “quem”, ou “o que”, poderia se encaixar na categoria de “normal”? Segundo Foucault (2010), o sujeito normal seria aquele que segue a norma, a regra que é usual, que não possui deformidades, deficiências, problemas físicos ou mentais, cujo comportamento é considerado “aceitável” e adequado aos padrões de normalidade estabelecidos socialmente.

Como configuração inicial da sua análise, Foucault avalia que os domínios da atividade humana estão divididos em quatro categorias: o trabalho, a sexualidade, a linguagem e as atividades lúdicas (jogos, festas), afirmando que as pessoas que escapam às regras definidas nesses domínios são chamadas de indivíduos

marginais, comumente presentes em todas as sociedades. As sociedades, a bem da verdade, nunca estiveram preparadas para lidar com as diferenças, com o sujeito ambíguo, diferente, indefinido, constituído ideologicamente partir de lógicas sociais e linguísticas diferenciadas dos demais grupos que formam o corpo social.

De acordo com Vianna (2014), não causa, portanto, estranhamento o fato de a história dos surdos ser marcada por um longo período de dor, sofrimento e estigma: discriminados por serem diferentes dos padrões estabelecidos por culturas ouvintistas majoritárias e oprimidos no uso e na discursividade de uma língua que possui, como princípio fundamental da sua expressão linguística, a corporeidade. O reconhecimento linguístico desta língua, muito incompreendida e marginalizada ao longo da história, não conseguiu derrubar facilmente as relações de estigma construídas ao redor das culturas de visibilidade. Deve-se lembrar de que a surdez é simbolicamente construída na perspectiva do déficit, da falta, do “defeito”, daquilo que deve ser corrigido, consertado. O normal, para as sociedades históricas, é ouvir e ser ouvido, falar por meio das línguas orais, assim como os ouvintes normais, e a realidade que diverge deste paradigma deve ser normalizada, coibida, sentenciada ao “apagamento”, ao silenciamento discursivo. E a este processo normalizador agregam-se os efeitos nocivos da estigmatização e dos preconceitos sociais.

Parafraseando Vianna (2014), talvez resida justamente nesse aspecto o fundamento de tamanha oposição e resistência à propagação das Línguas de Sinais em meio às comunidades surdas, desde os tempos mais remotos. Afinal, a forma como se determina a significância do corpo, no decorrer da história, revela toda uma tirania em tentar coibir e disciplinarizar o outro, o corpo do outro que se mostra diferente, através de rigorismos morais e ideológicos, gestos de dominação que não foram apagados pelo tempo e nem esquecidos. Ao contrário, ecoam e sinalizam que os sujeitos podem até livrar-se facilmente de condições corporais adversas, como deficiências e deformidades, mas não com a mesma facilidade irão livrar-se do preconceito e do estigma a eles condicionados.

Difícil não perceber, com base nos relatos acima, a forma como os rótulos sociais atuam no processo de preconceito e estigmatização direcionado “ao povo surdo” desde há muito tempo na história, propiciando a existência ambivalente de dois grupos distintos: “nós” e “eles” (GOFFMANN, 1975). O grupo do “nós”, obviamente, é caracterizado por todos os valores que constituem a visão dos grupos

sociais “normais”, constituídos pela ideologia dominante da sociedade ouvintista. O grupo do “eles”, ao contrário, caracteriza-se pelos diferentes, e, portanto, excluídos e rotulados negativamente. A consequência óbvia de se pertencer ao grupo do “eles”, dos segregados socialmente, é a de ocupar inexoravelmente, uma colocação inexpressiva na hierarquia social, fato que acaba por restringir, sobremaneira, suas oportunidades.

Foucault (2010) ao pensar o corpo, de forma bastante peculiar, condiciona-o a um tipo de controle que passa a incidir sobre o mesmo a partir do século XVIII; a este controle o autor denomina o poder disciplinar. Trata-se de um tipo de controle normalizador que objetiva transformar os corpos desviantes, indisciplinados e anormais, em “corpos dóceis”, fabricados e reconfigurados em corpos-sujeitos normais e produtivos, através das tecnologias disciplinares. Com o objetivo de serem produtivos, dóceis e normalizados, os corpos defeituosos são esvaziados da sua potência de criação (e neste caso, especificamente, de potência linguística), por mecanismos precisos de adestramento, de coerção e controle que impõem aos sujeitos sociais uma subjetividade configurada pela metrificação, pela análise e normalização das diferenças.

Refletir sobre a corporeidade e os aspectos que circundam as constituições identitárias dos sujeitos surdos é, de fato, necessário para o afastamento da ideia de corpo danificado, daquele que precisa ser consertado, bem como da ruptura com o ideal de normalização a ela subjacente. Esta é a afirmação de um discurso histórico que reduz a constituição das identidades dos sujeitos surdos à noção exclusiva de corpos que possuem um órgão deficitário, reduzindo-os a um ouvido doente: um ouvido que, ao receber tamanha projeção, obscurece todos os demais aspectos indispensáveis à construção da corporeidade. Dessa forma, observa-se neste processo social de constituição de identidades, a cristalização de determinados estereótipos acerca da surdez, que marginalizam e perpetuam uma imagem desprivilegiada desses corpos; o “ouvintismo”, neste contexto, enquanto poder hegemônico controla e perpetua estes estereótipos, impedindo o direito à diferença.

Segundo Skliar (2005), o ouvintismo diz respeito às representações estabelecidas pelas comunidades ouvintes em relação aos grupos surdos, obrigando-os a se perceberem como “ouvintes com defeito” e a legitimarem, por consequência, práticas terapêuticas de normalização da surdez que remontam a

séculos passados e que ainda repercutem na história. Dessa forma, aponta a surdez como diferença e entende os processos de identidade dentro das comunidades surdas como um fenômeno de significação política que diz respeito aos movimentos sociais e às lutas em resistência às formas assimétricas de poder, aplicando uma interpretação muito particular da alteridade diante da ideologia dominante; sendo uma construção sócio-histórica, a diferença problematiza a dicotomia normalidade-anormalidade, contrapondo-se às práticas ouvintistas de normalização:

O ouvintismo não pode ser pensado somente como um conjunto de ideias e práticas simplesmente destinadas a fazer com que os surdos falem e sejam como os ouvintes. Convivem dentro dessas ideias outros pressupostos: os filosóficos – o oral como abstração, o gestual como sinônimo de obscuridade do pensamento; os religiosos – a importância da confissão oral, e os políticos – a necessidade da abolição dos dialetos, já dominantes no século XVIII e XIX. Por último vale lembrar que o ouvintismo gera diferentes interpretações, entre as quais surgem algumas formas de resistência a esse poder. (SKLIAR, 2005, p. 17).

De acordo com Beche (2005), o corpo do surdo é representado e se institui como um “órgão patológico”, e esse corpo doente, deficiente, incapacitado, não deve ser pensado, celebrado, antes da sua normalização. Logo, um corpo não se reduz a um amontoado de tecidos, formas, texturas, sensações. Um corpo é, principalmente, a representação que temos dele. Como ele existe, se impõe, se permite, se altera, se imagina, se deleita, enfim, todas as múltiplas possibilidades a que ele se submete para ser e estar presente como fonte de prazer e, fundamentalmente, constituir quem somos, nossa identidade.

1.5 Cultura e Comunidade surda

Os indivíduos se organizam em grupos e os grupos, na sociedade, são assimetricamente situados, pois, onde há qualquer diferença há uma luta por poderes e saberes. Nossas relações sociais nos posicionam diferentemente, em diferentes momentos, em diferentes lugares, em diferentes papéis que exercemos. Ao mesmo tempo em que somos posicionados, posicionamos a nós mesmos. Por isto é imprescindível entender que as manifestações culturais da surdez não são manifestações de uma cultura patológica, mas de uma cultura legítima, que só enriquece a visão do que é “ser humano” – o ser que transcende a fala, mas que não transcende a linguagem. Eu diria, num trocadilho pretensioso, que o Verbo fez o homem, e o

homem fez o verbo – foram feitos um para o outro, mas, independentemente da voz. (SÁ, 2002, p. 94, grifos da autora).

Pensando em cultura surda, fui primeiramente pesquisar o termo “cultura” (do latim *cultura*), que Houaiss (2010, p. 558) define como “5 *fig.* o cabedal de conhecimentos, a ilustração, o saber de uma pessoa ou grupo social” e ainda

5 *antropol* conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, etc. que distinguem um grupo social; todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade. (HOUAISS, 2010, p. 558).

O antropólogo Clyde Kluckhohn, citado em Kozinets (2014), sugeriu diversos significados para o termo cultura, incluindo: o modo de vida total de um povo; um legado social; um modo de pensar, sentir e acreditar; um repositório de aprendizagem; um conjunto de orientações a problemas ou comportamentos aprendidos; mecanismos para a regulação dos comportamentos das pessoas; técnicas para se adaptar ao ambiente externo; mapas comportamentais; e outros.

Segundo Sá (2002), quando falamos dos surdos e da cultura surda, estamos nos referindo a um grupo minoritário que, a despeito de ter uma característica biológica semelhante e uma língua natural em comum – a Língua de Sinais – tem direitos legais negados semelhantemente, sofrem os mesmos tipos de preconceitos e estereótipos. Tudo isso não os torna iguais, mas os faz membros de uma minoria cultural.

Geralmente as culturas são vividas em comunidades, sendo esta um grupo que compartilha aspectos comuns com os quais se autoidentificam. Nas comunidades de surdos acontecem fenômenos sociais observados também em quaisquer outras comunidades, como a existência de círculos de liderança pequenos, e desejadamente imutáveis, mantendo membros em posições de subordinação. Não é saudável alegar uma identidade, cultura ou perspectiva surda (ou Surda) unificadora, pois os surdos também se enquadram nas categorias de raça, gênero, classe, nacionalidade, condição física e em outras fontes de “diferença”. Enfim, todo agrupamento humano é plural, e o dos surdos não seria diferente (SÁ, 2002).

Parece existir uma grande dificuldade em entender a existência da cultura surda porque a maioria das pessoas se baseia num “universalismo”. Segundo Owen Wrigley (apud SÁ, 2006, p. 93), “os universalismos, em todo discurso, são alimentados pela noção de que os seres humanos compartilham propriedades comuns”. Os surdos podem espelhar certos aspectos da cultura dominante que os circunda, mas também possuem raízes pelas quais esses aspectos foram compreendidos dentro da experiência nativa dos Surdos (SÁ, 2006). São estas raízes que fazem com que os surdos formem grupos culturalmente diferentes. Os surdos constituem grupos sociais que têm interesses, objetivos, lutas e direitos em comum, mas, sendo um grupo social, como outro qualquer, dentro de sua própria configuração, acontecem tensões semelhantemente verificadas em outros grupos.

Sobre esse aspecto, Bueno (1998) questiona: apesar de a surdez ser um traço de identificação entre os surdos, será que é suficiente para considerá-los como “pares” ou como “iguais”? Eles fazem parte de uma mesma comunidade só pelo fato de serem surdos? Se consideramos que a surdez é o único fator para a existência de uma “comunidade surda”, deveremos negar a importância das determinações de raça, classe e gênero que, mesmo servindo para o restante da humanidade, não se encaixam no caso dos surdos. Se, entretanto, entendermos que essas determinações de raça, classe e gênero são importantes para a análise das culturas, como tratar o “surdo” e a “comunidade surda” sem levá-las em consideração? (BUENO, 1998).

Sobre isso Sá (2006) enfatiza: embora alguns surdos insistam que todos os surdos compartilham a mesma cultura e normas, pode-se perceber que outras diferenças – de raça, de classe, de gênero, de educação etc. – podem ser mais significantes que o “ideal” de uma comunidade uniforme, e isto não acontece apenas com a comunidade dos surdos. Assim, nas comunidades surdas acontecem fenômenos sociais observados também em quaisquer outras comunidades; portanto, não é legítimo alegar uma identidade, cultura ou perspectiva surda unificadora, pois os surdos também se enquadram nas categorias de raça, gênero, classe, nacionalidade, condição física e em outras fontes de “diferença”.

Skliar (1998) diz que falar em Cultura Surda como um grupo de pessoas localizado no tempo e no espaço pode ser fácil, mas refletir sobre o fato de que nessa comunidade surgem processos culturais específicos é uma visão rejeitada por

muitos, sob o argumento da concepção da cultura universal, monolítica. Essa rejeição também se ampara no fato de surdos e ouvintes se encontrarem imersos no mesmo espaço físico, crescendo e partilhando duma mesma cultura, a partir do momento em que participam de um mesmo universo social, ou seja, surdos e ouvintes compartilham uma série de hábitos e costumes. Os aspectos próprios da Cultura Surda, mesclados a aspectos próprios da Cultura Ouvinte, tornam os surdos indivíduos multiculturais. Por esse motivo, Skliar (1998, p. 33) defende que “é possível aceitar o conceito de Cultura Surda por meio de uma leitura multicultural”.

Portanto, caracterizar a Cultura Surda como multicultural³ é o primeiro passo para admitir que a Comunidade Surda partilha com a comunidade ouvinte do espaço físico e geográfico, da alimentação e do vestuário, entre outros hábitos e costumes, mas que sustenta em seu cerne aspectos peculiares, além de tecnologias particulares, desconhecidas ou ausentes do mundo ouvinte cotidiano.

As pessoas surdas formam grupos sociais diferentes dos grupos das pessoas ouvintes. Diferentes, mas não desiguais (SKLIAR, 1998). O autor destaca a importância de se estabelecer a distinção entre diversidade e diferença. O conceito de diversidade forma a ideia de que a normalidade hospeda os diversos, porém mascara normas etnocêntricas e serve para conter a diferença. Já o conceito de diferença, pelo contrário, não é um apenas um espaço retórico, pois está sempre baseado em representações e significações que geram práticas e atitudes sociais. A surdez é, portanto, uma diferença, visto que é uma construção histórica e social, efeito de conflitos sociais, ancorada em práticas de significação e de representações compartilhadas entre os surdos (SKLIAR, 1998).

Segundo Sá (2006), a cultura surda se refere aos códigos próprios dos surdos, suas formas de organização, de solidariedade, de linguagem, de juízos de valor, de arte etc. Os surdos envolvidos com a cultura surda se autorreferenciam como participantes dessa cultura, mesmo não tendo eles características que sejam marcadoras de raça ou de nação. Sobretudo, os surdos possuem história de vida e pensamentos diferenciados; possuem, na essência, uma língua de modalidade visual espacial, que implica uma visão de mundo diferente da que partilha a comunidade ouvinte, com sua língua de modalidade oral.

³ É um termo que descreve a existência de muitas culturas numa região, cidade ou país, com no mínimo uma predominante. Conforme Houaiss (2010) multicultural é um adjetivo e designa “proveniente ou composto de várias culturas”.

Em concordância com essa visão, Felipe (2008, p. 38) afirma que os surdos possuem “uma forma peculiar de apreender o mundo que gera valores, comportamento comum compartilhado e tradições sócio-interativas”. A esse “modus vivendi”⁴ dá-se o nome de “Cultura Surda”.

De acordo com Sá (2006), talvez pela importância que tem a Língua de Sinais, como um dos principais aspectos identitários, é que se verificou, historicamente, uma violência institucional contra a comunidade surda - ao ser “sugerida” a proibição da Língua de Sinais nas escolas, desde o final do século XIX. Pode-se dizer que, historicamente, ocorreu um “amordaçamento” da cultura surda. Ainda hoje, pela negação da diferença, tenta-se um “amordaçamento” da cultura surda, sob a perspectiva de que uma sociedade igualitária (sem diferenças) é a sociedade ideal (SÁ, 2006). Assim, há a necessidade de uma nova visão sobre o sujeito Surdo, que é diferente e não deficiente. Segundo Perlin (1998), “ser surdo é pertencer a um mundo de experiência visual e não auditiva”.

Considerando as comunidades surdas virtuais, já que é nesse contexto que se situa minha pesquisa, comunidade virtual é aquela que estabelece relações num espaço virtual, através de meios de comunicação à distância. Caracteriza-se pela aglutinação de um grupo de indivíduos com interesses comuns, que trocam experiências e informações no ambiente virtual. Um dos principais fatores que potencializam a criação de comunidades virtuais é a dispersão geográfica dos membros.

O termo “comunidade virtual” foi desenvolvido por Howard Rheingold, citado em Kozinets (2014, p. 15), que definiu as comunidades virtuais como

agregações sociais que emergem da rede quando um número suficiente de pessoas empreende discussões públicas por tempo suficiente, com suficiente sentimento humano, para formar redes de relacionamentos pessoais no ciberespaço.

Acrescenta o primeiro:

Em comunidades eletrônicas, as pessoas trocam gracejos e discutem, envolvem-se em discursos intelectuais, fazem comércio,

⁴ *Modus vivendi*, segundo Houaiss (2010), “é um modo de viver, de conviver, de sobreviver; 2 *jur* acordo em virtude do qual se estabelece uma situação a ser seguida pelos contratantes em caráter temporário”.

trocam conhecimentos, compartilham apoio emocional, fazem planos, fofocam, brigam, apaixonam-se, encontram e perdem amigos, disputam jogos, flertam, criam um pouco de grande arte e um monte de conversa à toa. (RHEINGOLD, 1993, p. 3 apud KOZINETTS, 2014, p. 15).

Essa perspectiva nos leva a considerar que o contexto digital (Internet) é um espaço que pode propiciar um novo encontro social de partilha, no qual as relações de poder e autoridade são dissolvidas nos/pelos contatos virtuais. Nesse espaço pode não haver estigmas, rotulações e preconceitos, pois, envolvidos nas tramas da Rede, somos todos participantes sociais de uma mesma comunidade, a comunidade digital, sem “fronteiras”, constituída pelos *bits* e regida sob nova forma de organização social. As oportunidades de comunicação oferecidas pelas tecnologias digitais permitem novas possibilidades de interagir e de aprender com muitos outros, diferentes e singulares, que se somam, compartilham e coexistem na imensa diversidade que institui a sociedade em rede (ARCOVERDE, 2006).

Ancorada no discurso e por meio da tecnologia virtual, busquei investigar, descrever e compreender os traços predominantes constitutivos da identidade surda em comunidades surdas na rede social *Facebook*. Nesse cenário contemporâneo é que se insere minha pesquisa.

No próximo capítulo, discorro sobre os pressupostos metodológicos que orientam a análise.

CAPÍTULO 2

Metodologia da pesquisa: organizando as peças do mosaico

Não havia compreendido que eu era surda. Somente que existia uma diferença. Nunca havia visto surdos adultos, portanto, na minha cabeça, os surdos nunca cresciam. Iríamos morrer assim, pequenos. Essa lógica cruel permanece enquanto as crianças surdas não se encontram com um surdo adulto. Elas têm necessidade dessa identificação com os adultos, uma necessidade crucial. É preciso convencer todos os pais das crianças surdas a colocá-las em contato o mais rápido possível com adultos surdos, desde o nascimento. Ela se construirá longe daquela solidão angustiante de ser a única no mundo, sem ideias construtivas e sem futuro. Para quem se habituou a virar a cabeça ao chamado de seu próprio nome, é talvez difícil entender. Sua identidade está dada desde o nascimento. Não têm necessidade de pensar nela, não se questionam sobre si mesmos. São “eu”, naturalmente, sem esforço. Eles se conhecem, se identificam, se apresentam aos outros com um símbolo que os representa, mas a Emanuelle surda não sabia que ela era eu. Naquela idade, sentia-me pouco como uma estrangeira em minha própria família. Não tinha cumplicidade com alguém semelhante a mim. Não podia me identificar. Eu tinha [após a aquisição da Língua de Sinais] tantas perguntas a fazer. Tantas e tantas. Estava ávida, sedenta de respostas que podiam me responder. (LABORIT, 1994, p. 52).

Sabemos que a surdez pode ser analisada pela ordem médica (referente à etiologia e diagnóstico); ordem linguística (ao considerar a língua oral ou língua de sinais); ordem educacional (ao pensar sobre abordagens específicas para o surdo); ordem terapêutica (relacionada à área de Fonoaudiologia); ordem social (na dificuldade de interação entre ouvintes e comunidade surda); ordem trabalhista (cotas em empresas); ordem política (luta pelos direitos dos surdos). Logo, em cada uma dessas áreas, existem discussões específicas que produzem conceitos, preconceitos, definições e olhares diversos sobre a surdez.

Considerando o referencial teórico sobre identidade, inicio a discussão sobre os aspectos metodológicos desta pesquisa. Primeiramente, caracterizo-a como pesquisa qualitativa de cunho interpretativo, que emprega a análise das postagens como estratégia metodológica, para investigar quem é o sujeito surdo, quais as suas identidades e como elas se constituem nas comunidades surdas virtuais. Coloco-me, desde já, como mais um agente multiplicador de indagações, já que elas se farão presentes nas construções discursivas deste trabalho.

A metodologia utilizada em minha pesquisa se esboça na perspectiva dos autores Bortoni-Ricardo (2008), Denzin e Lincoln (2006) e Flick (2009).

2.1 A pesquisa qualitativa

A abordagem qualitativa e a visão interpretativista têm como seu objeto de estudo o ser humano, o que revela um trabalho complexo, já que nossa sociedade compreende várias camadas sociais, além de indivíduos com crenças e posturas diversas. Nessa perspectiva, concordo com a afirmação de Flick (2009, p. 21), ao dizer que “a pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas da vida”. Sendo assim, o lugar do pesquisador, ao optar por uma abordagem qualitativa, é entender essa pluralidade de visões de mundo, não se preocupando em testar “hipóteses formuladas”.

Na área de Linguística Aplicada, especificamente tratando de questões relacionadas à constituição de identidades, é imprescindível que as investigações partam de premissas qualitativas, pois os métodos qualitativos são mais coerentes quando o fenômeno em estudo é complexo, de natureza social (BORTONI-RICARDO, 2008).

As lentes do observador muito interferem no objeto estudado, já que o pesquisador passa a fazer parte desse contexto por ele pesquisado e, por ser membro de determinada sociedade e cultura, seus valores e suas crenças afetam a forma como vê o mundo e interpreta seu objeto. O pesquisador influencia e é influenciado por sua pesquisa (BORTONI-RICARDO, 2008); entra no processo da pesquisa crivado por uma comunidade interpretativa, guiando-se por um conjunto de crenças e de sentimentos em relação ao mundo e ao modo como este deveria ser compreendido, tendo o olhar filtrado pelas lentes da linguagem (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Como postula Bortoni-Ricardo (2008), a habilidade de compreensão do pesquisador está arraigada em seus próprios significados, pois quem pesquisa não será um relator passivo, antes um agente ativo. Logo, opto pela pesquisa interpretativista, pois se encontra dentro da visão dialética que considera estarem todos os aspectos de uma pesquisa inter-relacionados com uma determinada realidade.

A pesquisa qualitativa consiste, de acordo com Flick (2009, p. 20), nos seguintes aspectos: na escolha de métodos e teorias oportunas, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos. Os métodos qualitativos são apropriados quando o fenômeno a ser investigado é complexo, de natureza social e não tende à quantificação.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa procura entender, interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. Não há como observar o mundo independentemente das práticas sociais e significados vigentes. Ademais, e principalmente, a capacidade de compreensão do observador está enraizada nos seus próprios significados, pois ele não é um relator passivo, mas um agente ativo. Sobre esse assunto, Flick (2009) assegura que a pesquisa qualitativa busca a visão dos envolvidos, assim como suas diversidades, além da reflexividade do pesquisador, pois sentimentos e impressões deste último se tornam dados nessa abordagem, fazendo parte da pesquisa, por meio de diários e observações dos contextos vividos no decorrer desse processo.

Para Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa envolve uma diversidade de práticas metodológicas; por essa razão, o pesquisador tende a assumir posições múltiplas, passando por diversos campos de atuação. É desse entendimento que os autores descrevem a metáfora do “bricoleur”. Segundo eles, “bricoleur” é um indivíduo que confecciona colchas, ou seja, que utiliza as ferramentas estéticas e materiais do seu ofício, empregando efetivamente quaisquer estratégias, métodos ou materiais empíricos que estejam ao seu alcance. O pesquisador qualitativo é como um confeccionador de colchas, ele costura, reúne, edita um processo que gera e traz uma unidade psicológica e emocional para uma experiência interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 2006).

A pesquisa qualitativa, como um conjunto de atividades interpretativas, não privilegia nenhuma prática metodológica única. Ela não possui uma teoria ou um paradigma nitidamente próprio. A diversidade de histórias envolvendo cada método ou estratégia de pesquisa revela como cada prática recebe múltiplos usos e significados.

Embasada na pesquisa qualitativa, enfatizo minha proposta de analisar as postagens de sujeitos surdos em comunidades surdas no *Facebook*. Para análise dos dados, selecionei postagens da comunidade surda virtual intitulada “Surdos – relacionamento de namoro”, acessadas entre os meses de maio e outubro de 2015 no seguinte endereço virtual do *Facebook*: <https://www.Facebook.com/groups/317903451658229/?fref=ts>. Com essas postagens, pretendo, da forma mais adequada, atingir os objetivos propostos, designando elementos que revelem traços identitários nas práticas discursivas desses sujeitos.

A comunidade selecionada tem 9.508 membros atualmente, revelando-se um número bastante expressivo no contexto do *Facebook*, e o tema da comunidade – “relacionamento de namoro” – é bastante incitante para seus membros. O que mais me chamou a atenção, diante das muitas comunidades surdas que venho acompanhando, foi o número de membros inclusos nesta comunidade; as postagens acontecem com bastante frequência e são muito “curtidas”⁵, além de um número significativo de comentários sobre elas.

Todos os dados colhidos nesses meses foram copiados da comunidade e colados em páginas de editor de texto. Não me concentrei, unicamente, em aspectos linguísticos, porém procurei atentar aos sentidos de cada postagem para realizar minhas interpretações.

Depois de selecionada a comunidade analisada e tendo-me familiarizado com a literatura, a análise e geração de dados passaram a acontecer, simultaneamente, enquanto realizava constantes acessos para acompanhamento da comunidade surda.

Para o recorte das postagens, decidi utilizar critérios que dizem respeito à materialidade das identidades nos enunciados. Considerando a linguagem própria das redes sociais, convém ressaltar certa dinamicidade da comunidade, o que justifica o fato de algumas postagens serem acrescentadas ou tiradas na mesma

⁵ O que significa “Curtir” algo?

Clicar em **Curtir** embaixo de uma publicação no *Facebook* é um modo fácil de dizer às pessoas que você gostou, sem deixar comentários. Assim como um comentário, o fato de você ter curtido fica visível embaixo da publicação.

Por exemplo, se você clicar em **Curtir** embaixo do vídeo de um amigo:

- As pessoas que podem visualizar o vídeo poderão ver que você o curtiu.
- Será publicada uma história na sua linha do tempo informando que você curtiu o vídeo do seu amigo.
- A pessoa que publicou o vídeo receberá uma notificação informando que você curtiu a publicação.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/110920455663362>> - Central de Ajuda do *Facebook*.

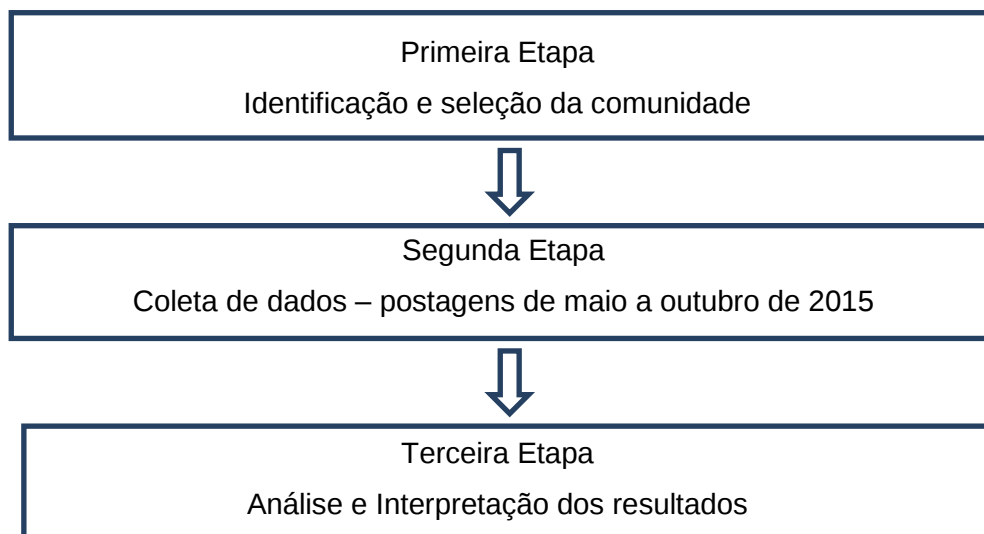
velocidade da comunicação virtual. Devido à característica própria dos sites de relacionamentos, muitos *posts* têm por objetivo apresentar uma imagem do usuário que divulgue e atraia o leitor para um possível relacionamento. Desse modo, os usuários se apresentam por meio de textos curtos, a maioria com fotografias. Muitas das postagens realizadas no *site* se compõem apenas de nome e o número de *whatsapp*.

As que foram selecionadas para constituir o *corpus* deste trabalho apresentam, além das informações usuais, outras que colaboram para análise dos modos de produção discursiva das identidades, como orientação sexual, raça/etnia, preferência para relacionamento com surdo ou ouvinte, saberes sobre a língua, discursos machistas, entre outros. Os *posts* selecionados apresentam a pluralidade própria da constituição das identidades surdas na comunidade. Essa escolha revelou a contrariedade ao discurso de que os surdos teriam uma identidade homogênea.

O fato de a identidade ser fluida, construída continuamente e heterogênea fez-me desistir de categorizar os *posts* por meio de possíveis homogeneidades; não há, dessa maneira, a possibilidade de enquadrar as postagens, por exemplo, como pensado inicialmente, em identidades: machistas, feministas, homossexuais, étnicas, heteronormativas ou relacionadas à questão da surdez, pois elas estão imbricadas simultaneamente nos enunciados.

O objetivo dessa escolha metodológica é, resumidamente, uma tentativa de olhar o objeto desta pesquisa, bem como o contexto onde ela se insere, não como um simples dispositivo que viabiliza, no ambiente virtual, o encontro de pessoas que estejam longe fisicamente para se relacionarem, mas, sim, observá-lo como uma prática social, linguística e discursiva de construção de identidade. A prática social é construída a partir das relações humanas mediadas pelos computadores e que podem contribuir (em diferentes níveis) para a manutenção das relações de poder e divulgação de ideologias estabelecidas em nossa sociedade.

Com a finalidade de estruturar as etapas da pesquisa, apresento um resumo para melhor ilustrar:



Na sequência, apresento o *locus* e os sujeitos envolvidos em minha pesquisa.

2.2 O *locus* da pesquisa - a comunidade de surdos: relacionamento de namoro no “Facebook”

Os sites de redes sociais representam espaços de compartilhamento que estão ressignificando o modo pelo qual as pessoas se relacionam consigo mesmas e com os outros que constituem “sua audiência”. Com a emergência destes espaços, as fronteiras entre o que era considerado como privado e como público estão sendo cada vez mais difusas, e os relatos íntimos encontram nas ágoras virtuais um terreno para se inserir em cenários públicos, reconfigurando assim o limite conceitual que restringe “o íntimo” a espaços de interação limitados em alcance (SANTOS, 2016).

O *Facebook*, criado no dia 4 de fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, alunos da Universidade de Harvard, é uma rede social que, desde o início, tem o objetivo de configurar um espaço no qual as pessoas possam encontrar umas às outras, dividindo opiniões e fotografias. No começo, a rede virtual era limitada ao corpo estudantil dessa Universidade; aos poucos, porém, ela foi estendida ao Instituto de Tecnologia de Massachusetts, à Universidade de Boston, ao Boston College, incluindo também alunos de Stanford, Columbia e Yale. Nesta época, ele ainda era conhecido como “thefacebook.com”.

Com a expansão de sua fama, outros circuitos universitários foram englobados e vários portadores de e-mails, providos por universidades em todo o mundo, foram convidados para fazer parte da rede social. Em 2005, este site contava com mais de cinco milhões de membros ativos. Nesse mesmo ano, em agosto, a rede se tornou conhecida simplesmente como *Facebook*.

No dia 27 de fevereiro de 2006, o site permitiu que alunos do nível secundário e trabalhadores de empresas também tivessem acesso à rede; desde setembro daquele ano, somente integrantes a partir de 13 anos podem se inscrever no *Facebook*, onde todos os usuários têm a opção de se reunir em uma ou mais comunidades, como colégios, empresas ou espaços geográficos.

Apesar de ter aberto espaço para outros públicos, a meta desta rede social foi preservada; ela existe para permitir o compartilhamento de dados e imagens entre as pessoas, da forma mais singela possível, propiciando, ao mesmo tempo, puro entretenimento. Nele todos podem se relacionar socialmente.

Atualmente é utilizado por cerca de 500 milhões de internautas. No que tange aos espaços fotográficos, ele é considerado o maior de todos nos EUA, uma vez que por esta rede circulam aproximadamente 60 milhões de imagens novas toda semana⁶.

Contemplo o *Facebook* como nova rede social que, num momento globalizado, diminui a distância entre as pessoas e torna todos iguais em acesso; não há barreiras, falta de informação, tudo está ali à disposição, todos postam, todos leem, não há limites para a expressividade. Para Hall (1997), a globalização compreende “espaço-tempo” e há hoje uma

aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre as pessoas e lugares situados a uma grande distância. (HALL, 1997, p. 69).

Ao viver neste mundo globalizado, percebo o quanto a tecnologia favoreceu os surdos, pois cada vez mais grupos se formam e cada vez mais surdos participam desta rede social que está representada pelas mais diversas identidades surdas. No *Facebook*, é possível encontrar assuntos variados, informações de todos os tipos, postados por pessoas surdas ou da comunidade surda.

⁶ Fontes: <<http://informatica.hsw.uol.com.br/facebook.htm>> e <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>>.

2.3 Os sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da minha pesquisa são usuários do *Facebook*, mais especificamente da comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro”.

Nessa comunidade, surdos de diversas regiões geográficas do Brasil se comunicam uns com os outros, por meio da linguagem verbal e não verbal. Em suas postagens, são utilizados textos e imagens com maior frequência, contudo os vídeos aparecem com relevância.

Os sujeitos surdos que são membros desta comunidade acessam o *Facebook*, buscando interagir com outros surdos; além disso, o espaço virtual possui muitas informações e ferramentas de escrita, postagens de imagens e vídeos como um jornal visual para surdos. Tudo acontece em tempo real; as postagens acontecem para todos e a cada momento novas outras postagens são incluídas.

No *Facebook*, os indivíduos são levados a falar de si e, assim, construir um perfil de si, através tanto da mobilização de certos marcadores identitários pré-dados, como da expressão de atributos que retratariam a sua personalidade. Além disso, no *Facebook*, as práticas de interação (amigos, comunidades, relacionamentos etc.) também são constitutivas de sua identidade.

Por ser uma comunidade de relacionamento, as postagens dos sujeitos em questão envolvem uma descrição pessoal (perfil), incluindo: sua identificação como “surdo” ou como “ouvinte”, nome, idade, profissão, cidade, escolaridade, religião, orientação sexual, estado civil, filhos, contato via *WhatsApp* e, em alguns casos, a indicação de se o relacionamento poderá ser com “surdos” ou “ouvintes”. Além dessas informações, há também fotos (imagens) que exploram sua identidade física e sua sensualidade.

Em alguns momentos, é possível encontrar assuntos variados, como informações sobre cursos de libras, vídeos em libras, imagens que demonstram preconceito quanto à questão de raça e cor postados por sujeitos surdos ou da comunidade surda.

Não podemos esquecer que, obviamente, a comunidade surda não é formada apenas por sujeitos surdos. Há nela sujeitos ouvintes, como membros da família, amigos, intérpretes e todas as possibilidades de “outros” que participam e compartilham os mesmos interesses em comum, em uma determinada localidade.

A comunidade surda compartilha alegrias, tristezas, sentimentos de amor, amizade, críticas, opiniões e tantas outras coisas, que aproximam as pessoas, mesmo que virtualmente.

Os discursos que venho coletando nessa comunidade surda *online* me fazem perceber a riqueza presente nos momentos, analisando-os, colocando-os em questão, problematizando o que já está à vista e que pode causar surpresas, sejam elas de encantamento ou não. É assim que me sinto o tempo todo, diante dos discursos que tenho em mãos.

É importante reafirmar que a tecnologia vem favorecendo os contatos entre surdos. Segundo Ramos (2014), cresce o número de surdos que utilizam as redes sociais⁷, expondo e registrando suas ideias e pensamentos, que são postados para que as pessoas tenham acesso em tempo real.

Apresento, abaixo, a página contendo as regras de utilização da comunidade virtual analisada.

Figura 01 - Comunidade virtual: “Surdos - relacionamento de namoro”



Fonte: Facebook (2015).

⁷ Fabrício Mähler Ramos - Professor de LIBRAS na Unidade de Ensino Especial Concórdia - ULBRA, em Porto Alegre; nos Cursos de Licenciatura da ULBRA Campus Gravataí; na EAD da ULBRA campus Canoas e no Centro Social Marista Mario Quintana, em Gravataí. Disponível em: <<http://gravatai.ulbra.tche.br/jornal/index.php/revistaampliar/article/view/31/50>>.

Regras impostas pela comunidade, conforme Figura 01:

Não pode fala: cara feia, gorda, vagabunda e pobre → bullying
 Não pode fala: ele é chato, teimoso, mentiroso (Tolo)
 Não pode fala: Ele estava escondido que tem namorada é falso
 (Pode “banir”)
 Não pode fala: mostra nua, semi-nua, fantasia sexual é proibido
 (Pode “banir”)
 Não pode fala: Sou melhor do que ele é fraco, magra, ruim, fala mal
 nome
 Pode fala: Voce é linda, legal... Beleza
 Pode coloca: Foto ou vídeo: rosto, cabelo que coisa melhor
 Pode escreve: poesia que coisa melhor, mensagem, frase amor
 Pode coloca: video: seu que sinal e seu nome, idade
 Pode fazer vídeo: seu perfil como nome, bebe, fumo, ...

2.4 Geração de dados

O primeiro passo metodológico se deve ao surgimento das indagações, ou seja, das perguntas de pesquisa; como pesquisadora, posicionei-me com um olhar crítico-reflexivo, na comunidade do *Facebook* “Surdos – relacionamento de namoro”, com a finalidade de observar as postagens realizadas pelos sujeitos surdos. A partir dessa postura, defini a pergunta de pesquisa que constitui o esboço principal para início deste trabalho: como são construídas as identidades surdas em uma comunidade surda na internet?

Para atender ao objetivo deste estudo, primeiramente realizei várias leituras relativas às temáticas da surdez e da identidade presentes na comunidade, com vista a identificar enunciados que emergiram em diversas postagens e imagens (fotografia). É com base nesses temas que organizo a análise dos dados.

Para entender de que forma a identidade dos sujeitos surdos se constrói na comunidade virtual analisada, procurei observar os discursos das postagens, especificamente os elementos reveladores da subjetividade desses sujeitos. Não me concentrei em aspectos linguísticos, procurei atentar aos modos de significar as identidades de cada postagem para conferir sentido às minhas interpretações.

Como já havia descrito, o período de geração e obtenção dos dados ocorreu de maio a outubro de 2015, sendo realizado a partir de observação, análise e interpretação dos discursos das postagens dos sujeitos surdos na comunidade virtual.

Nessa etapa, os dados foram copiados e colados em páginas de editor de texto, perfazendo um total de 82 postagens coletadas. A partir dessa primeira seleção, observei que alguns dos *posts* selecionados desapareceram da comunidade com o correr dos meses. Não sei os motivos que levaram os usuários da comunidade a apagar tais postagens ou dessas serem excluídos, porém uma vez salvas, foram consideradas como material de análise.

Do total das 82 postagens previamente selecionadas, foram recortadas apenas 23 para a análise. Cada um dos *posts* eleitos trazia discursos representativos que construíam identidades diferentes umas das outras, de modo a colaborar com a constituição de um mosaico de identidades surdas representativo dessa comunidade heterogênea. Desse modo, o mosaico foi formado pelas diferentes maneiras de os surdos construírem sua subjetivação em relação principalmente ao gênero e usos da língua.

Em síntese, para entender de que forma se constrói a identidade dos sujeitos surdos participantes desta comunidade virtual, procurei observar elementos reveladores que perpassam por esses sujeitos e como esta releitura é feita por mim (enquanto ouvinte), intentando compreender como se desenrola o processo identitário desses sujeitos surdos.

Após a etapa de organização/classificação do material coletado, houve necessidade de realizar pesquisas na literatura a fim de encontrar subsídios para a realização das interpretações e explicações de questões e problemas que motivaram essa investigação. Dessa forma, os conceitos adquiridos por meio do referencial teórico orientaram a pesquisa durante todo seu processo, permitindo reflexões e interpretações, articulando teoria em torno do objeto de estudo.

No próximo capítulo, descrevo os dados gerados e os resultados da pesquisa.

CAPÍTULO 3

Análise dos dados: encaixando as peças do mosaico

Um dia vamos percebendo o mundo a nossa volta. Cores, aromas, gostos, sons, espessuras. Todos? Não. Alguns de nós não vamos perceber tudo isso. Podemos deixar de perceber alguma dessas coisas, porque nos falta um órgão dos sentidos. Tratemos aqui da audição. Uns têm, outros não. Uns podem ter nascido com ela, mas por motivos diversos, como problemas de natureza genética, ou por doenças que acometeram a mãe, ainda grávida, pode-se não tê-la. Outros ainda podem vir a perdê-la, também por motivos distintos e variados, associados a doenças, acidentes, etc. Mas a percepção do que não se tem, no caso, a audição, não é percebida por quem não sabe dela, afinal de contas aquilo de que não sentimos falta como perceber? (SANTANA, 2013, p. 30).

Neste capítulo são apresentados os enunciados selecionados das postagens da comunidade virtual “Surdos – relacionamento de namoro” que compõem o *corpus*. A análise desses enunciados consistiu em momentos descritivos e interpretativos e, para isso, utilizei a ancoragem teórica já explicitada neste trabalho.

Para entender de que forma os discursos dos usuários desta comunidade colaboram para as construções identitárias dos sujeitos surdos, procurei analisar cada enunciado do *corpus*, entendendo enunciado também como imagem.

A identidade surda vem sendo retratada em diversas pesquisas, citadas por teóricos como: Santana (2005,2007), Sá (2002, 2006), Skliar (1997, 1998), Moura (2000), Perlin (1998) e Amaral (2004).

Como enfatizado no capítulo teórico, a questão da identidade tem sido intensamente discutida, com o argumento de que as velhas identidades – que traziam a visão de sujeito unificado – entraram em declínio, propiciando o surgimento de novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno. As pesquisas mais recentes, nas ciências humanas e sociais, trazem a compreensão do sujeito social que chama a atenção para a sua natureza fragmentada, heterogênea, contraditória e fluida, e o veem sempre aberto para as revisões identitárias (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000).

A seguir, apresento a capa da comunidade e os *posts* dos sujeitos surdos, sendo possível observar os diferentes e múltiplos recortes das identidades surdas, como abordado no referencial teórico. Primeiramente, analisei a capa da

comunidade, de modo a compreender como os sujeitos são convidados a fazer parte desse grupo. Posteriormente, organizei as postagens em grupos relacionados aos modos de enunciar as identidades desses sujeitos.

Figura 02 – Capa da comunidade



Fonte: Facebook (2015).

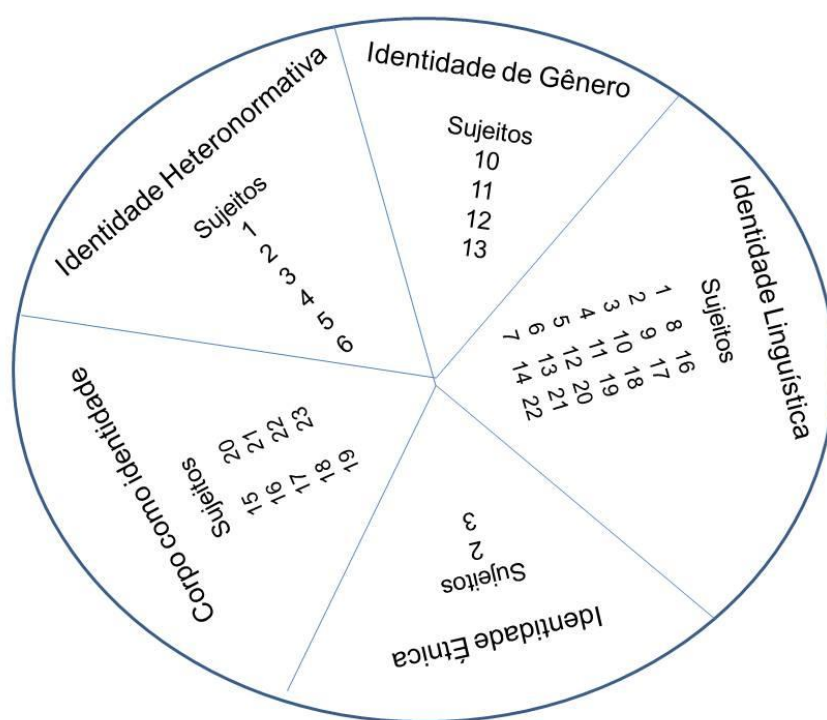
É possível observar, primeiramente, que a página da comunidade aciona na memória o relacionamento entre sujeitos heteronormativos, surdos, solteiros, uma vez que faz referência às categorias biológicas de homem e mulher por meio de imagens historicamente construídas. Desse modo, observamos como a questão do corpo normalizado, ouvinte e hetero, é orientadora dos discursos que, de modo geral, circulam nas postagens. A imagem representa um casal do ponto de vista tradicional (homem e mulher); ao fundo há uma imagem icônica de coração que remete à ideia de amor, paixão, próprios dos discursos de sites de relacionamento amoroso. Os dois sujeitos apresentam em suas mãos aparelhos celulares, o que pode remeter à questão do relacionamento via ciberespaço ou mediado pelas tecnologias, no caso celular/tablet (ferramentas comuns à comunicação entre os surdos).

A capa ainda apresenta algumas regras de conduta para os usuários que quiserem fazer parte dessa comunidade: as de proibição aparecem em vermelho e

as demais em verde. É interessante destacar que a maioria dos adjetivos que constam nos itens de proibição se refere ao gênero feminino, tais como as expressões “feia”, “gorda”, “vagabunda” e “mentirosa”. O discurso machista se instaura nas relações propostas pela comunidade, via regras. Outra questão tratada nas regras diz respeito à interdição do uso de imagens do corpo quando relacionadas à nudez feminina, de novo, remetendo ao universo feminino “nua”, “semi-nua”. Mais uma vez observa-se o discurso machista e heteronormativo em funcionamento nos enunciados da capa.

Nesta etapa da análise, de modo a organizar os enunciados dos sujeitos para agrupá-los consoante os discursos que mais emergiam em suas postagens, estabeleci uma associação na qual essas postagens são agrupadas em eixos referentes ao discurso de identidade heteronormativa, de gênero, linguística, étnica, e do corpo como identidade que se apresentam na materialidade dos *posts* de acordo com a figura abaixo. As marcações em cada divisão dizem respeito às identidades “mostradas” pelos usuários.

Figura 03 - Mosaico representativo do posicionamento discursivo quanto à identidade.



Fonte: Elaborada pela autora (2016).

A ilustração foi construída com o objetivo de traçar um panorama geral da análise dos discursos das identidades presentes nas postagens selecionadas. Não tem o objetivo de categorizar ou de enquadrar/fixar as identidades, uma vez que são múltiplas e heterogêneas, como já tratado, e já que considero o sujeito surdo na sua singularidade plural; porém, há traços comuns que possibilitam, neste trabalho, sistematizar a construção desse mosaico. Como podemos observar, os sujeitos enunciam de determinadas posições que ora os aproximam e ora os distanciam um dos outros. Para compreender essa construção, podemos analisar o sujeito 2, que traz em seu discurso marcas tanto de identidade heteronormativa como de identidade linguística, na visão clínico-patológica, e destaque para sua identidade étnica. Esses aspectos serão levantados na análise do discurso de cada postagem.

Observando a sistematização apresentada na figura anterior, analiso primeiramente os discursos dos sujeitos que elegem prioritariamente a heteronormatividade como meio de realizar uma apresentação de si; depois analiso os discursos dos sujeitos que privilegiam sua apresentação por meio dos usos da língua (oral, orofacial, Libras); posteriormente, exploro os discursos que têm destaque para a questão de gênero. Cabe ressaltar, como já alertado que há dentro desses discursos a emergência de outros posicionamentos, como é o caso da identidade étnica. Por último, trago a análise das postagens nas quais os sujeitos se apresentam apenas por meio de imagens (fotografias).

3.1 Análise das postagens

Figura 04 – Sujeito 1



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Boa Tarde Povos... Sou Thiago Lindgren. Sou surdo. Tenho 28 anos, sem filho... Eu preciso um namora urgente só mulher. Porque eu quero juntar morar um mulher q casa feliz nova família q futuro pode filho!! Algumas mulher quer um namorado vamos primeiro comunicação comigo! Abraços⁸

Nesse primeiro *post*, destaco que o usuário constrói uma imagem de sujeito heteronormativo. Seu enunciado busca enfatizar sua identidade surda e heterossexual. Apresenta um discurso cristão, cuja percepção de família se centra no núcleo homem+mulher+filho, associada ao ideal de felicidade: “feliz nova família que futuro pode filho”. Essa percepção de família nuclear é relatada quando expressa o desejo de namorar, se casar, ter filhos, construir uma família. O uso recorrente da primeira pessoa nesses enunciados revela a subjetivação das identidades surda e heteronormativa na posição ocupada por esse sujeito em suas práticas discursivas.

Observo que, apesar de a surdez ser um traço de identificação entre os surdos, não é suficiente para considerá-los como “iguais”. Eles fazem parte de uma

⁸ A parte textual dos *posts* será descrita integralmente tal e qual os usuários digitaram. Dessa forma, não haverá preocupação com a correção ortográfica ou gramatical.

mesma comunidade, mas não de uma mesma classe, raça, gênero, educação, condição física e outros tipos de “diferença”. Sobre isso, Sá (2006) enfatiza que essas diferenças podem ser mais significantes que o “ideal” de uma comunidade uniforme.

No próximo *post*, apresento um sujeito surdo que constitui sua subjetivação por meio de enunciados que retomam os discursos médico-patológico e ouvintista.

Figura 05 – Sujeito 2



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Olá, sou deficiente auditivo bi-lateral, porém falo normalmente. Gostaria de conhecer mulheres surdas ou ouvintes, para relacionamento. Quem se interessar favor mandar recados para meu e-mail que respondo. Tenho: 1,76m 80kg, branco, olhos castanhos, cabelos curtos castanhos. Sou da cidade de Santos-SP. Aguardo retorno, bjss a todos!!.

Destaca-se nesse enunciado, novamente, um discurso heteronormativo: “Gostaria de conhecer mulheres surdas ou ouvintes, para relacionamento”. Diferentemente do outro usuário, esse já demonstra a possibilidade de se envolver com ouvintes, provavelmente pelo fato de não participar de práticas discursivas hegemônicas próprias da cultura surda. Isso é indicado na denominação “deficiente auditivo bi-lateral”, enunciado próprio do discurso médico patológico de caráter ouvintista. Segundo Perlin (1998), essa é uma característica dos surdos que vivem sob o comando de uma ideologia ouvintista latente, normalmente possuem uma

identidade surda considerada “incompleta”. Unem-se aos ouvintes para socializar os demais surdos, de modo que sejam iguais à cultura hegemônica. Nesse post, o sujeito enuncia seu corpo surdo que se mostra diferente do corpo ouvintista: *sou deficiente auditivo bi-lateral*, com expressões médico-patológicas, devido aos gestos de dominação próprias do discurso do “normal”.

Outro fato relevante na construção da identidade desse sujeito diz respeito à sua compreensão acerca do espaço do seu dizer. Ele sabe que está em uma comunidade de relacionamento onde as aparências, principalmente físicas, são tidas como relevantes, por isso descreve-se fisicamente: “Tenho: 1,76m 80 kg, branco, olhos castanhos, cabelos curtos castanhos”.

No *post* seguinte, temos também a descrição da característica física do enunciador. Mas, como veremos, esse sujeito apresenta um marcador de identidade étnica, próprio do discurso de resistência.

Figura 06 – Sujeito 3



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Eu surdo, solteiro negro, não quer filho, quero mulher surda, namoro. Não quero casar, não quer filhos.

Nesse terceiro *post*, a construção dos enunciados colabora para a constituição de um discurso, também, heteronormativo e que remete à cultura surda. Porém, é possível analisar a representação de um sujeito cuja identidade étnica é retomada e valorizada: “eu surdo, solteiro negro... quero mulher surda”. Esse

enunciado, de certa forma, se constitui em um discurso contra-hegemônico. Esse sujeito não silencia sua identidade étnica, já que, tanto no texto do *post* quanto na maneira de se apresentar em sua fotografia, revela sua oposição à condição de subalternizado em que são colocados os sujeitos negros e surdos. Conforme Skliar (1998), sai do lócus daqueles sujeitos que não se enquadram na norma “ideal e adequada”, marginalizados, dos grupos denominados minoritários. Nesses grupos estão inseridos os negros, os deficientes físicos, os cegos, os obesos, os homossexuais, os índios, os surdos e todos aqueles que possuem algo que os caracterize como diferentes. Esse membro da comunidade se coloca na posição de sujeito confiante e seguro de si. O corpo normalizado atravessa esse enunciado como resistência e saída do silenciamento a que sujeitos são colocados nas relações sociais.

O enunciado acima colabora, ainda, para a compreensão da construção heterogênea e múltipla da(s) identidade(s) desse sujeito. Seu discurso heteronormativo é atravessado pelo discurso machista ocupado pela posição de homem que quer namorar, mas “não quero casar, não quer filhos”. Dessa forma, fica evidente em seu discurso que sua inserção no *site* de namoro não busca compromissos futuros, o que de certa forma quebra expectativas tradicionais no que se refere a relacionamentos.

O fato de o usuário declarar que pretende se relacionar somente com mulheres surdas enfatiza a problemática do relacionamento entre surdos e ouvintes marcado por estigmas e discriminações. Segundo Botelho (2002), o discurso “ouvintista” faz com que os sujeitos surdos se sintam em uma posição inferior perante os ouvintes e acreditem que apresentam limitações, reforçando a imagem de inferioridade. Nesse trecho do *post*, podemos perceber como os discursos são compostos por contradições próprias das construções identitárias: ao mesmo tempo em que apresenta uma autoafirmação enquanto negro e surdo, seus relacionamentos são marcados pelo discurso ouvintista de que surdos só se relacionam com surdas.

Interessante destacar que no site há depoimentos de duas ouvintes relatando seu relacionamento com sujeitos surdos. Em um dos enunciados há um destaque para a invisibilidade em que são colocados os sujeitos surdos nas práticas discursivas hegemônicas: “Lógico que no início existiam dificuldades de

comunicação, porque sendo eu ouvinte e nunca tendo tido nenhum contato com este ‘mundo’ tudo era estranho para mim”. A palavra “mundo” revela o fato de que os surdos, por apresentarem uma identidade linguística e cultural diferente da dos ouvintes, são colocados em um espaço sublocado, marginalizado, esquecido pelo outro. O depoimento da usuária a insere na comunidade surda e colabora na construção da sua própria identidade a partir do reconhecimento do outro.

O outro depoimento, contrariando os discursos de que os surdos só se relacionam entre si, apresenta o aspecto do acolhimento que os surdos demonstram ter em relação aos ouvintes que queiram participar da comunidade surda:

E o mais legal, é que eu fui muito bem aceita pelo grupo de amigos surdos dele. Me receberam e me acolheram. A paciência que eles têm comigo, é fantástica. Eu estou muito empolgada para aprender Libras.

Outra característica importante desse enunciado diz respeito à questão linguística. Para participar da comunidade surda o ouvinte tem que aprender a língua do outro: Libras.

É possível observar a pluralidade nos discursos dos sujeitos dessa comunidade; enquanto a maioria dos estudos acadêmicos reproduz a ideia do “ouvintismo” e do discurso hegemônico (não quero dizer que ele não exista), verifico nessas enunciações algumas oposições: um saber leigo, que reproduz uma cisão social entre a comunidade de surdos e a comunidade de ouvintes, e um saber acadêmico, que oficializa essa reprodução a partir de uma chave específica, o uso da língua. Ainda que a identidade e a cultura estejam relacionadas a práticas sociais de uma complexidade muito maior, a língua, fundamentalmente, é tomada como o instrumento por excelência de sua constituição e definição. O significado dessa inversão, desse jogo teórico que toma a língua, num primeiro momento, como determinada pelas práticas e interações sociais e, num segundo, faz dela a definidora dessas mesmas práticas, está na legitimidade mesma desses conceitos (SANTANA; BERGAMO, 2005).

O próximo *post* traz um modelo padrão de identificação na comunidade.

Figura 07 – Sujeito 4



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

*Eu sou edson
Solteiro sim
Quero moça sim
Sou surdo sim*

Esse *post* traz um modelo padrão de postagem de identificação na comunidade; as postagens apresentam foto, com poucas frases, geralmente relacionadas à identificação do nome, do estado civil, da preferência pelo relacionamento e pela identidade surda, uma vez que o site é destinado a esse grupo. Novamente, a questão do discurso heteronormativo aparece na afirmação “quero moça sim”, apesar de o site indiciar o tipo de relacionamento a que se destina, já na própria foto da capa, como descrito anteriormente. Esse quesito do relacionamento heterossexual é enfatizada na maioria das postagens, excetuando-se as que neste trabalho foram destacadas para a análise.

Figura 09 – Sujeito 6



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

*Oi.. td bm?
 Meu nome jeferson belchior
 Sou surdo
 Sou solteiro
 Não tenho filho
 Moro Rio de Janeiro
 Sou responsável no SÍTIO DOS SURDOS lugar só em Rio de janeiro
 se querem tem interesse contato Jeferson*

Nesse *post*, novamente as questões do estado civil “solteiro” e o fato de não ter filhos são evidenciadas. Identifica-se como surdo e não descreve detalhes sobre a língua. Aproveita o *post* para realizar uma propaganda de um local denominado “Sítio dos surdos”. Ou seja, o lugar de exposição na comunidade não se fixa apenas aos relacionamentos amorosos, mas também à exposição de certos “negócios” como, no caso, um sítio de lazer destinado ao público surdo, segundo a descrição da página do “Sítio dos surdos”, no *Facebook*⁹.

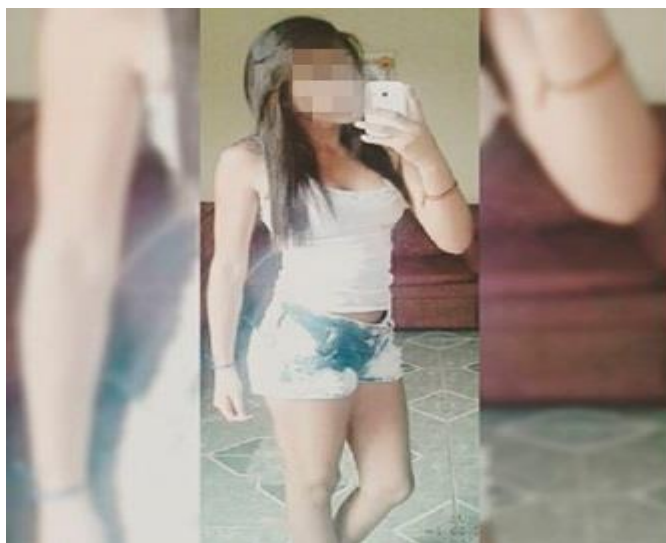
Uma observação relevante a ser feita nessa postagem diz respeito ao corpo. Aqui o corpo surdo é evidenciado na apresentação escrita. Mas, o corpo a que me refiro diz respeito à exposição do corpo físico. Nas regras de postagem na comunidade, há o alerta de não aparecer “nua”. O que observo é que a nudez se refere especificamente às partes íntimas; desse modo, a exposição do tronco

⁹ [Facebook.com/sitio-dos-surdos-deaf-749121875144748/?fref=ts](https://www.facebook.com/sitio-dos-surdos-deaf-749121875144748/?fref=ts)

masculino sem camisa não é tratada como nudez, pois, se assim fosse, haveria sido censurado pelo administrador.

No próximo *post*, a usuária revela uma identidade de transição da cultura surda para a cultura ouvinte.

Figura 10 – Sujeito 7



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

“Olá. Meu nome é Sarah. Tenho 19 anos de idade. Sou surda. Sou solteira. Já namorei Com um ouvinte e Ele Não quer aprendeu libras, Eu deixei Ele. rs Gosto música, mas gosto muito do que dizem as letras das músicas de Roberto Carlos e Paula Fernandes e Taylor Swift. Eu comecei a usar aparelho auditivo 2 ano e estou começando a entender como ouvir as pessoas. Tem sido difícil sair do silêncio e entrar no barulho, mas estou me adaptando e estou muito feliz por isso. O Pai Celestial é maravilhoso comigo e tem permitido que eu aprenda a falar a cada dia. É uma experiência incrível e estou muito animada!”.

Nesse *post*, o sujeito relata ter se relacionado com ouvintes. Porém, a questão da língua foi determinante para o término do namoro: “já namorei Com um ouvinte e Ele Não quer aprendeu libras, Eu deixei Ele”; novamente, o discurso da língua figura como definidor da identidade surda.

Esse enunciado colabora para a compreensão da constituição das identidades como múltiplas e fragmentadas. A usuária marca sua subjetivação como surda, mas se descreve como usuária de aparelho auditivo há dois anos; além disso, traz a marcação do discurso ouvinte hegemônico ao descrever seus gostos: “Gosto

música”. Aqui o corpo surdo é apresentado como o corpo que busca a normalização: “comecei a usar aparelho auditivo 2 ano e estou começando a entender como ouvir as pessoas”. Entender e ouvir é caminhar na direção da “norma”, do corpo são.

É interessante observar como o *post* revela a transição de uma identidade de cultura surda para uma identidade de cultura ouvinte quando a usuária escreve: “Tem sido difícil sair do silêncio e entrar no barulho, mas estou me adaptando e estou muito feliz por isso”. O “sair do silêncio” se configura na constituição de um discurso ouvintista que entende o surdo como aquele que não tem a capacidade de ouvir, do ponto de vista do déficit. “Entrar no barulho” é poder ouvir, constituir uma identidade de “normalidade” (FOUCAULT, 2001). Outro discurso que constitui a identidade dessa usuária se ancora na religião, quando apela para o “pai celestial”. Esse enunciado carrega a força de um discurso baseado na fé cristã. A possibilidade de “falar a cada dia” é interpretada como milagre divino.

Em relação ao aspecto de relacionamento amoroso entre surdos e ouvintes, o site apresenta duas usuárias do sexo feminino que têm e tiveram relacionamentos com sujeitos ouvintes. Abaixo seguem as análises discursivas dos seus enunciados.

Figura 11 – Sujeito 8



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Eu sempre namorei ouvintes... Mas, nunca vi isso como um bicho de 7 cabeças. Meus relacionamentos sempre foram bons e meus namorados sempre foram pessoas que até esqueciam que eu não ouvia. Acho que o segredo é não colocar a surdez no centro da vida,

do relacionamento, das amizades. Cada experiência de vida é única e se vc tira a surdez de foco e simplesmente vive a vida. Bjs.

A constituição do discurso dessa usuária instaura uma relação da surdez sob o viés do silenciamento. A possibilidade de normalização da sua “experiência de vida” é feita por meio da negação da surdez como constituinte de sua identidade. A usuária está assentada no discurso ouvintista e, por isso, propõe “não colocar a surdez no centro da vida”. Esse silenciamento possibilita que ela consiga se relacionar com ouvintes e não ver “isso como um bicho de 7 cabeças”. A primeira leitura desse discurso pode nos levar a ver esse sujeito como alguém que propõe uma quebra de estereótipo; porém, o que percebemos é o reforço do discurso ouvintista, patológico e o silenciamento imposto pela sociedade para o surdo: “se vc tirar a surdez de foco e simplesmente vive a vida”.

O discurso hegemônico ouvintista fortalece o processo de normalização no qual o sujeito busca silenciar sua diferença com intuito de ser visto pelo outro como igual. Nesse sentido, os argumentos utilizados pela usuária para relatar seus relacionamentos legitimam os discursos que reforçam a patologização da surdez.

Figura 12 – Sujeito 9



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Sou surda e sempre usei aparelho auditivo. Não tenho grandes problemas quanto a namoro, amizade e outros relacionamentos. Mesmo porque a surdez nunca foi o foco, nem para as minhas amigas, nem para os namorados. Era quase como se eu não fosse

surda. Mas há situações em que é preciso muita paciência, porque as necessidades do surdo são sutis. É difícil para os ouvintes entenderem porque temos dificuldade em coisas “banais” como ouvir alguém falando um monte de coisas ao telefone, assistir a um filme dublado, conversar num lugar barulhento etc.

Nesse *post*, o sujeito relata ser surda e usuária de aparelho auditivo. Essa descrição traz à tona o modo como as identidades se constituem de forma híbrida, múltipla e fragmentada. Em consonância com Santana e Bergamo (2005), acredito no fato de que sua identidade não se refere a uma única essência ou a uma única experiência linguística, como o uso de uma determinada língua, ou a uma única experiência sensorial a ela correspondente, assim como o uso de uma língua sinalizada. Ao contrário, estaria condicionada a um processo abrangente, contínuo e ininterrupto, que não se restringiria a uma determinada língua em particular.

Em resposta ao discurso hegemônico de que ser surdo é ser triste, solitário, agressivo (SKLIAR, 2001), o sujeito autor dessa postagem apresenta sua identidade surda seguida da explicação “sempre usei aparelho auditivo”, de modo a negar sua surdez como deficiência, ou seja, normalizar sua condição nas relações: “Não tenho grandes problemas quanto a namoro, amizade e outros relacionamentos”. Quando ela relata “é quase como se eu não fosse surda”, consolida o discurso ouvintista e silencia sua diferença em nome de uma hipotética normalidade:

A configuração do ser ouvinte pode começar sendo uma simples referência a uma hipotética normalidade, mas se associa rapidamente a uma normalidade referida à audição e, a partir desta, a toda uma sequência de traços de outra ordem discriminatória. Ser ouvinte é ser falante e é, também, ser branco, homem, profissional, letrado, civilizado, etc. Ser surdo, portanto, significa não falar – surdo-mudo – e não ser humano. (SKLIAR, 2001, p. 21).

Ao mesmo tempo em que associa sua identidade a uma normalidade, caracteriza o outro como ouvinte, ou seja, reconhece sua condição de diferença: “É difícil para os ouvintes entenderem porque temos dificuldade em coisas ‘banais’”. Seu depoimento ainda traz a angústia de não ser compreendida pelo outro: “é preciso muita paciência, porque as necessidades do surdo são sutis”. As palavras “banais” e “sutis” revelam a compreensão que a usuária tem em relação às suas dificuldades: são lidas como algo de menor importância.

Novamente, o discurso da surdez como foco aparece no enunciado da comunidade: “Mesmo porque a surdez nunca foi o foco”. Porém, aqui, o discurso ganha ares de foro íntimo e revela o silenciamento em que essa identidade é colocada: “nem para as minhas amigas, nem para os namorados”. A questão da surdez constitui-se numa espécie de segredo, um tabu, assunto não tratado nem com as pessoas mais íntimas.

O próximo *post* traz o enunciado de uma travesti surda.

Figura 13 – Sujeito 10



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Boa noite, eu entrou novo o grupo aqui surdo relacionamento de namora. Me chamar Rafaela, tenho 28 anos, 1,71 altura, sou travesti surda. Não se importa que eu sou travesti. Procuro relacionamento sério (só somente surdo). Moro em Mineira. Vou falar um pouco de mim, sou surda, para comunicar leio a leitura labial, sei falar de sinais (LIBRAS), moro no bairro buritis, trabalho no centro.

Esse *post* apresenta uma usuária da comunidade que se descreve como “travesti surda”, à procura de um “relacionamento sério”, “somente com surdo”. Sua identidade é apresentada como feminina, usa seu nome social “Rafaela” e afirma sua identidade de gênero antes da identidade surda. Descreve-se fisicamente e solicita do leitor a compreensão de sua sexualidade, “não se importa que eu sou travesti”. Esse enunciado aciona a questão do preconceito social que está diretamente ligada à questão da surdez, mas também, à questão de gênero. A

usuária da comunidade se apresenta bastante feminina, em uma praia, o que remete à ideia de sensualidade como marcador da sua identidade de gênero.

O discurso da usuária corrobora o referencial teórico em relação às diferenças, já que elas se tornam uma espécie de marca na vida dos sujeitos que as possuem, marcas essas que os colocam em posição de desvantagem em relação aos ditos normais, fazendo com que os diferentes sejam vistos como inferiores (AMARAL, 2004).

A escolha por relacionamentos apenas com homens surdos e “só somente surdo” reafirma a questão já exposta em outros *posts* acerca do relacionamento entre surdos como preferência, provavelmente devido a questões de identidade linguística. Ela é surda, realiza “*leitura labial, sei falar de sinais (LIBRAS)*”. Gomes (2008) afirma que a identidade e a diferença, representadas pela linguagem, determinam as relações de poder; desse modo, ela enuncia seus saberes para se colocar numa posição de poder e de saber sobre os outros surdos que não se utilizam das mesmas estratégias. Além das questões da língua, ainda revela que “trabalha no centro”, demonstrando sua autonomia financeira, traço relevante para o estabelecimento de um relacionamento, uma vez que nos encontramos envolvidos ideologicamente por uma subjetividade instaurada pelo capitalismo. Apesar disso, essa usuária se encontra em uma posição mais subalternizada do que os outros, já que participa de um grupo minoritário relacionado à língua e a outro relacionado ao gênero. Essa é a única travesti que assume sua identidade na comunidade, porém, localizamos outros dois *posts* em que os sujeitos enunciam sua sexualidade, embora o site seja direcionado, como visto na análise da capa, a casais de identidade hétero.

No próximo *post*, temos uma usuária que se descreve como surda e lésbica.

Figura 14 – Sujeito 11



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Eu to solteira. Eu surda sou 26 aninhos sou lésbica, apenas uma pessoa diferente moro em Bage-RS.

A usuária se descreve como surda e lésbica. Sua imagem se constrói de forma masculinizada. Diferentemente da travesti que usa seu nome social e adjetivos relacionados ao gênero, os utilizados por esse sujeito estão todos no gênero feminino. Único marcador de sua sexualidade é a expressão “*sou lésbica*”.

Nesse *post*, a manifestação da diferença é relatada no enunciado “apenas uma pessoa diferente”. Em seu relato, a usuária marca seu espaço nas relações de poder, em uma tentativa de fugir de rótulos/estigmas impostos pela sociedade, do discurso hegemônico, da não aceitação das minorias. Nesse caso, a “dupla diferença” – surda e homossexual – chama a atenção para a possibilidade de um “duplo preconceito”. Esse enunciado remete a uma releitura da sociedade em que vivemos, onde é recorrente o discurso do normal, ou seja, daquilo que está dentro da norma considerada ideal, adequada.

Referenciando Amaral (2004), ao discutirmos questões relacionadas às diferenças, pensamos sempre na semelhança, na homogeneidade, na normalidade e na correspondência com um determinado modelo. Para a autora, existem diferenças significativas, que se referem ao desvio, à anormalidade. São diferenças que “saltam aos olhos”, tornando mais complexos os contextos e as relações

humanas que se estabelecem a partir de características que sinalizam para o significativamente diferente.

Outra questão a ser discutida, neste caso, é o papel do estereótipo na vida dos sujeitos diferentes. Para Amaral (2004), o estereótipo pode ser entendido como a concretização e a personificação do preconceito. Compreendendo, desta forma, que o estereótipo é algo que reduz os sujeitos apenas às características atribuídas ao referido estereótipo.

As próximas duas postagens revelam sujeitos que se apresentam como surdos e gays.

Figura 15 – Sujeito 12



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Oi bom dia tudo bem? Eu sou surdo, gay, e falante e sei libras e procuro um namorado igual eu surdo.

Esse usuário se apresenta para seu interlocutor de modo descontraído, com um tom informal: “*Oi bom dia tudo bem?*”. Assume sua identidade surda e de gênero. Do mesmo modo que ocorre em outros *posts*, o interesse pelo relacionamento com outro surdo limita as possibilidades de interação dos surdos com os ouvintes. Outra característica que contribui para a construção de sua identidade diz respeito à língua: “*falante e sei libras*”. Esses saberes o distinguem de outros surdos, sendo utilizado como uma espécie de marketing pessoal. Em

consonância com a teoria, não podemos colocar os grupos minoritários em um único pacote; como observado, as identidades vão se construindo de modo diferente em cada sujeito, formadas por diferentes papéis que assumimos e, vale salientar, não homogêneos.

Sujeito 13 (usuário não utilizou imagem)

*Sou Surdo gay e falo pouco, moro em Criciúma-SC. Meu tipo físico: magro, peso 57kg, altura 1.68, branco. alguém me interressar namorar serio e futuramente casar viver, visitar e negociar sua familia e minha familia tbm, eu ensino com voce vai aprender praticar as libras de sinais , porque tenho contatos de meus amigos(as) surdos(as). sou é gente boa do meu coracao faco carinho tudo teu corpo, beijar e agarrar, divertir pro outros lugares e conhecer.
um ponto: nao gosto q quem me trair, nao esconder do outro uns cara, tbm nem amantes.
entao , antes de amar alguem a gente tem que se amar primeiro.*

No *post* acima, o sujeito enuncia suas múltiplas identidades: surdo, gay, branco, quer casar, dentre outras. O fato de os três membros da comunidade citados anteriormente revelarem sua identidade de gênero, como esse também o faz, mostra a fluidez das fronteiras da comunidade. Apesar de a comunidade buscar reunir homens e mulheres em relacionamentos potencialmente heterossexuais, isso não impede que esses quatro usuários marquem sua identidade de gênero. Muito provavelmente porque sabem dos tabus que a sociedade impõe em participar de comunidades gays. Como os usuários do *Facebook* têm suas comunidades reveladas aos “amigos” com os quais compartilham “a vida”, isso se configura em barreiras para o acesso livre e exposição da sexualidade sem temor. Assim, os homossexuais se identificam na comunidade dita heterossexual, apresentando possibilidades de outros modos de viver a sexualidade. Essa exposição é arriscada, uma vez que muitos dos membros insultaram e agrediram verbalmente esses quatro homossexuais, a ponto de, por exemplo, a usuária cuja identidade travesti foi exposta, sair da comunidade pouco tempo depois e excluir seu *post*.

No último *post* selecionado para a análise, temos uma usuária da comunidade que constrói sua identidade no confronto dos discursos entre a comunidade surda e ouvinte.

Figura 16 – Sujeito 14



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Eu sou surda, oralizada, usando AASI, e não faço uso de Libras. Acho injusto as pessoas acharem que todos os surdos desse país são apenas os sinalizados, e as pessoas que perderam a audição após ter aprendido a falar? Será que nós somos obrigados a nos virar para conviver com as outras pessoas usando a linguagem oral e sem as adaptações a que temos direito também? ou seremos obrigados a aprender Libras para sermos considerados surdos?

Essa usuária da comunidade se declara como “surda, oralizada, usando AASI e não faço uso de Libras”. O AASI é um aparelho de amplificação sonora individual, utilizado para amplificar o som. Sua identidade é construída no confronto entre os discursos da comunidade surda e da comunidade ouvintista. Desse modo, esse sujeito se coloca num lócus de enunciação diferenciado em relação aos outros posts. Aborda a questão da identidade dos surdos por meio dos seguintes questionamentos: “todos os surdos desse país são apenas os sinalizados?”, “e as pessoas que perderam a audição após ter aprendido a falar?”, “seremos obrigados a aprender libras para sermos considerados surdos?”.

É possível observar a diversidade de modos de comunicação na comunidade surda: surdos oralizados, protetizados, usuários da língua brasileira de sinais e da modalidade escrita, praticantes da leitura orofacial, entre outros. E acredito não ser a

existência dessa multimodalidade na forma de se comunicar, que faz um “Surdo” com “S” maiúsculo ser considerado legítimo, por ser usuário da língua brasileira de sinais, ou “surdo” com “s” minúsculo, por ser filho de ouvintes e “vítima da ouvintização”, ou ter que se encaixar em qualquer “classificação da surdez”.

A constituição da identidade do surdo não está relacionada a uma língua específica, no caso enunciado no *post*: a Libras. O ser surdo, para a enunciadora, se constitui numa condição heterogênea e múltipla de identidade, uma vez que a identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas, sim, como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio-históricas particulares (SANTANA, 2005).

Figura 17 – Sujeito 15



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Esse discurso do corpo nu carrega outros discursos de interdição dos corpos (FOUCAULT, 2001), principalmente a interdição do corpo feminino, consoante a regra da comunidade. Nas postagens, a questão da apresentação do corpo físico é evidenciada quando os usuários se descrevem fisicamente, peso, estatura, ou quando perguntam sobre a aprovação ou não da imagem exposta.

A exposição e descrição do corpo físico se aproximam da linguagem da propaganda: atribuir qualidades ao corpo que se mostra ao relacionamento no site, de modo a ser mais atrativo e atraente ao mercado.

A seguir, destaco mais oito imagens (fotografias), nas quais os corpos funcionam como discurso na interação na comunidade virtual.

Figura 18 – Sujeito 16



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

*Eu sou surda
Que Lindaaaa*

Nesta postagem, a imagem do corpo feminino, associada ao texto curto “sou surda que lindaaaa”, induz o sujeito que interage na comunidade a construir/interpretar a identidade desse sujeito como um corpo sensual. A forma como constrói a sensualidade se caracteriza pela postura, uso de roupas curtas, mãos nos cabelos, reforçando uma imagem já estabelecida pelo padrão histórico do corpo feminino sensual. Outra identidade imbricada é a linguística. A usuária destaca em seu pequeno texto o fato de ser surda.

Figura 19 – Sujeito 17



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Sou surdo. Procuo namorada, gostaram? 21 anos de idade

Nesse *post*, assim como no anterior, há um destaque para o enunciado do corpo em detrimento de uma apresentação de si por meio do linguístico. O sujeito apresenta sua identidade surda e heterossexual: “procuo namorada”. Corporalmente apresenta uma imagem mais masculinizada, com poses mais estereotipadas do homem: mãos no bolso, ou abertas, sem poses que tragam traços do corpo feminino.

Figura 20 – Sujeito 18



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Sou surda. Linda ou feia?

Além do discurso da surdez, presente na maioria dos *posts*, notei a questão do discurso da beleza. Num *post* anterior, o do sujeito 16, assim como nos subsequentes 19, 20, 21 e 23, os sujeitos ora afirmam, ora questionam acerca da beleza, como forma de se firmarem na aceitabilidade dos usuários para estabelecerem relacionamentos. Esse discurso se mostrou mais presente entre os que aparentemente são mais jovens. Nas postagens já analisadas, pode-se observar que os aparentemente de mais idade lançam mão de outros recursos, principalmente linguísticos, para mostrar “suas qualidades” para um futuro relacionamento, o que contribui para a construção de identidades jovens ou mais maduras, não abordadas neste trabalho.

Figura 21 – Sujeito 19



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Boa tarde, sou surdo. Gostaram??

Nesta postagem, o usuário apresenta sua identidade linguística surda, além de interagir com os outros usuários por meio do questionamento acerca de seu perfil físico apresentado por meio de uma *selfie* fotográfica.

Figura 22 – Sujeito 20



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Sou surdo. Qual de lindo ou feio?

Este *post* apresenta também uma fotografia, centralizada apenas no rosto. O usuário não apresenta seu corpo, valorizando apenas o aspecto físico dessa parte de sua constituição física. Esse tipo de fotografia é bem comum nos *sites* de relacionamento. Em seu texto, apresenta sua identidade surda e também pergunta sobre a questão da beleza.

Figura 23 – Sujeito 21



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

Sou surda, que linda

Como já analisado em outros *posts*, a questão da surdez se faz recorrente na afirmação “sou surda”. A questão da beleza é novamente apresentada, porém não mais como questionamento, mas como asseveração, fato. Nesta imagem, a usuária faz uso de recurso gráfico para triplicar sua própria imagem. O uso desse tipo de recurso também é comum entre os jovens usuários das novas tecnologias.

Figura 24 – Sujeito 22



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

*Sou e surda
Meu nome e Aline Axxx
20 anos
Em mora são Gonçalo do Sapucaí MG
Sou gordinha pouco
Add whats 35 915xxxx8*

Este *post* representa o *post* padrão de apresentação em *sites* de relacionamento. Descreve sua identidade surda, nome, idade, local e número para contato. O que o diferencia dos demais já analisados é o fato de apresentar um discurso mais padronizado de beleza e de corpo. Evidencia a questão corporal no sentido atribuído ao peso corporal: “sou gordinha pouco”, o que pode ser avaliado como uma questão de imposição da ditadura do corpo, principalmente assumido pelo público jovem.

Figura 25 – Sujeito 23



Fonte: Comunidade virtual “Surdos - relacionamento de namoro” (2015).

sou linda!!

Neste *post*, a usuária se apresenta apenas pela asseveração de que é “linda!!”. Diferentemente das postagens analisadas, esta usuária não demonstra sua identidade linguística. Posso subsumir que é surda, pelo fato de o site ser destinado para esse público, porém não há como assegurar que um ouvinte não possa entrar nesses *sites* para fins de relacionamento. A usuária, assim como o sujeito do *post* 16, apresenta uma imagem de si sensualizada, com partes do corpo à mostra: saia curta, “barriga de fora” e decote. Novamente, esse *post* retoma a memória do corpo feminino sensualizado, à disposição para o relacionamento.

Como se pode observar, o corpo físico é tratado de forma diferente: homens mostram o tronco, as mulheres utilizam roupas mais curtas porque são interdidas na nudez do tronco. Porém, a marcação do corpo surdo é realizada pela afirmativa “sou surdo”. As questões ligadas aos padrões de beleza são evidenciadas nos enunciados em que questionam se são “feios ou bonitos”, e no enunciado “sou gordinha pouco”. Dessa forma, observamos quão imbricadas e heterogêneas são as identidades surdas e como seus discursos são atravessados por outros discursos normativos ou de resistência aos padrões impostos pela sociedade.

Compreender a identidade surda vai além do discurso que pressupõe a língua como o único foco presente na discussão do sujeito surdo; esquece-se de evidenciar

a diversidade cultural, a capacidade do ser humano e sua pluralidade na constituição do ser. A surdez é heterogênea, por isso a enunciativa se coloca numa posição questionadora sobre a constituição desta identidade e de como a cultura surda compreende o surdo e a surdez.

No próximo capítulo, procuro discutir minhas considerações finais, tentando responder a pergunta de pesquisa deste trabalho; também comento as limitações, as contribuições e as possibilidades de continuidade deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fernando Pessoa dizia que, em cada um de nós há dois seres. O primeiro, o verdadeiro, é o dos nossos sonhos, que nasce na infância e que continua pela vida toda. O segundo ser, o falso, é o das aparências de nossos discursos, atos e gestos. Não diria que um é verdadeiro e o outro é falso, mas efetivamente, a cada um desses dois estados correspondem dois seres em nós. (MORIN, 1997).

Um mosaico de identidades, é esta a imagem que me ocorre ao considerar o que observei, acompanhei e analisei nessa comunidade virtual de surdos. Os fragmentos das diferentes peças de suas identidades se entrelaçam para formar esse mosaico, cujas peças se entrecruzam e se justapõem na construção de identidades fluidas e heterogêneas.

A questão a que me propus responder, em relação aos sujeitos surdos dessa comunidade, foi relacionada ao modo como constroem suas múltiplas identidades surdas em uma comunidade surda na internet. Para tanto, selecionei postagens nas quais esses sujeitos se inscreviam.

Desta forma, elegi desenhar esta dissertação tendo a abordagem qualitativa interpretativista como foco. Metodologicamente, o fato de a identidade ser fluida, construída continuamente e heterogênea, impossibilitou a categorização das postagens, já que as múltiplas identidades encontradas – machistas, feministas, homossexuais, étnicas, heteronormativas ou relacionadas à questão da surdez – estão imbricadas simultaneamente nos enunciados.

Para responder a pergunta de pesquisa deste trabalho, e de igual modo, para discutir os resultados, ressalto novamente a pergunta de pesquisa: como são construídas as identidades surdas em uma comunidade surda na internet?

As identidades surdas analisadas mostraram sujeitos surdos multifacetados, plurais, inacabados, em fluxo constante de re(construção), o que corrobora a identidade do sujeito pós-moderno, descrita por Hall (2000, p. 13):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas...

O sujeito pós-moderno é conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em

relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (grifo do autor).

Algo ficou evidente para mim nesta pesquisa: é impossível “se construir em linhas retas”, categorizar, ou agrupar esses sujeitos, ou seja, não há como se estabelecer uma homogeneidade identitária, seja ela em qualquer agrupamento humano, já que os discursos encontrados nessa comunidade são multifacetados, plurais, dispersos e descontínuos.

Há uma tendência a se referir a uma “cultura e identidade surda”, como se isso figurasse em uma homogeneidade; no entanto, suas enunciações discursivas não são suficientemente efetivas para essa consolidação, pelo menos não o foram durante a realização desta pesquisa. Isso, particularmente, me anima, porque a explicação para essa cultura e identidades próprias e peculiares não se ancora nem em uma língua específica, nem em outras questões, como as de gênero e raça/etnia, entre outras. Suas identidades são plurais e fragmentadas, o que revelou a contrariedade ao discurso de que os surdos teriam uma identidade homogênea.

Quanto às categorias identitárias propostas por Perlin (1998) e Moura (2000), importa destacar que, embora apresentem rótulos variados, podem misturar-se e dificilmente permitem um “encaixe” perfeito, uma vez que esses sujeitos são únicos e carregam em seus discursos a multiplicidade própria da(s) identidade(s).

Penso que os enunciados (discursos) dos sujeitos surdos desta comunidade traçaram um caminho para aprofundamento de futuras pesquisas. Considere-se, em reforço a isso, que toda pesquisa possui suas limitações, devidas, talvez, à minha inexperiência de pesquisadora e acrescidas das limitações de tempo e extensão impostas a qualquer pesquisador diante de seu objeto, especialmente daquele proveniente da riquíssima fonte de dados das redes sociais. Consequentemente, a partir desta dissertação, podem aflorar questionamentos e sugestões de pesquisa com este alcance: a) estudo sobre as identidades surdas de outras comunidades virtuais, intentando verificar se são semelhantes a essa e quais identidades circundam essas comunidades virtuais; b) análise dos comentários presentes nas postagens de cada sujeito analisado. Enfim, são vários os diálogos sugeridos pela pesquisa em apreço.

A relevância desta pesquisa está no sentido de contribuir com a discussão das identidades surdas, numa visão heterogênea. Essa postura é necessária para

compreender e respeitar os modos diferentes e individuais de se constituir plural em uma sociedade. Entender o surdo apenas pelo uso ou não da oralização, da língua brasileira de sinais ou do aparelho de amplificação sonora individual pouco contribui para se pensar em políticas públicas de inclusão e respeito à diversidade; há ainda muitas questões silenciadas nessas comunidades e que precisam ser discutidas para empoderar esses sujeitos de seus direitos.

Finalizo esta dissertação, persuadida de como seria bom se um dia as pessoas diferentes, seja por questões sensoriais, étnicas, físicas, de gênero, intelectuais, entre outras, fossem concebidas como “normais”. Em outras palavras, seria justo e esperado que não existissem em relação a elas preconceitos, discriminações, piedade, superproteção, desprezo e indiferença. Seria igualmente esperado e justo que as diferenças não fossem entendidas como defeitos ou como marcas que desqualificam os sujeitos. Sei que considerações como estas parecem utópicas, mas penso que futuras pesquisas possam contribuir para o começo de uma nova trajetória, na qual os sujeitos diferentes sejam vistos “com outros olhos”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Ligia Assumpção. **Resgatando o passado**: deficiência como figura e vida como fundo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ARCOVERDE, Rossana Delmar de Lima. Tecnologias Digitais: Novo Espaço Interativo na Produção Escrita dos Surdos. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 251-267, maio/ago. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

BECHE, Rose Clér Estivalet. **A sexualidade do surdo**: retalhos silenciosos na constituição de sua identidade. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BOTELHO, Paula. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

_____. **Linguagem e Letramento na educação dos Surdos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BUENO, José Geraldo. Surdez, linguagem e cultura. **Cadernos Cedes**, São Paulo, n. 46, 1998.

CAMILLO, Camila Righi Medeiros. **A avaliação como dispositivo pedagógico**: capturas discursivas no contexto da Educação de Surdos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, RS, 2008.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. et al. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DPLP. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. **Dicionário Universal da Língua Portuguesa**. [online], 2007. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/definir_resultados.aspx>. Acesso em: maio 2015.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse**: textual analysis for social research. London and New York: Routleg, 2003.

_____. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto – de estudante**. Brasília: MEC, 2001.

_____. **LIBRAS em contexto**: curso básico. Livro do estudante. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, 2008.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1970.

_____. **História da Loucura**. São Paulo: Perspectiva, 2010. 551 p.

_____. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOFFMANN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

GOMES, Nilma Lino. **Indagações sobre currículo**: diversidade e currículo. Brasília: MEC/ SEB, 2008.

GULLAR, F. Traduzir-se. In: GULLAR, F. (Org.). **Poemas escolhidos**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1989.

HALL, Stuart. A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, UFRS/FACED, v. 22, n. 2, jul./dez. 1997. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/neccso/downloadtextos.html>>. Acesso em: jun. 2015.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Silva e Guacira Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2010.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Editora Penso, 2014.

LABORIT, Emmanuelle. **O Vôo da Gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994.

LANE, Harlan. **A máscara da benevolência**: a comunidade surda amordaçada. Lisboa: Instituto Piaget, 1992. (Coleção Horizontes Pedagógicos).

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LIMA, Elcivanni Santos. **Discurso e Identidade**: Um Olhar Crítico sobre a Atuação do Intérprete de Libras na Educação Superior. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

MAHER, T. M. Sendo índio em português... In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado das Letras; FAPESP/FAEP, 2001.

MARTINS, José de Souza. (Org.). **O Massacre dos inocentes**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MORIN, Edgard. **Amor, Poesia, Sabedoria**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1997.

MOURA, Maria Cecília de. **O surdo**: caminhos para uma nova identidade. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PERLIN, Gladis. **Histórias de vida surda**: identidades em questão. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS/FACED. Porto Alegre, 1998.

RAMOS, Fabrício Mähler. A Comunidade Surda e o Facebook. **Revista Ampliar**, ULBRA - Universidade Luterana do Brasil, Gravataí-RS, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://gravatai.ulbra.tche.br/jornal/index.php/revistaampliar/article/view/31/50>>. Acesso em: dezembro de 2015.

SÁ, Nídia Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. Niterói: EDUFF, 2002.

_____. Discurso surdo: a escuta dos sinais. In: SKLIAR, Carlos. (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

_____. Existe uma Cultura Surda? In: _____. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada de Lutas Sociais e Teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2015.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem**. São Paulo: Editora Plexus, 2007.

SANTOS, Deborah. O amor nos tempos de *Facebook*. Narrativas amorosas e performances de si em sites de redes sociais. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, **Anais...** São Paulo, 05 a 09/09/2016. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1928-1.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2016

_____.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

_____. **Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

STERNBERG, Robert J.; GRIGORENKO, Elena L. **Crianças Rotuladas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

STROBEL, Karin Lilian. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 7, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=125&layout=abstract>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

_____. História dos Surdos: representações 'mascaradas' das identidades surdas, In: QUADROS, Ronice Muller; PERLIN, Gladis. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2007.

_____. **Memorial - Normativas para a introdução a dissertação/tese**. Florianópolis: UFSC, 2004.

_____. **Surdos: vestígios culturais não registrados na história**. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

VIANNA, Gláucia dos Santos. **Corpo Surdo: na língua, na corporeidade e na história, os sentidos**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

XAVIER, Priscila Aparecida Moraes Henkemaier; JESUS, Dánie Marcelo de; JOSEPH, Tatiana Wonsik Recompenza. Desafios e perspectivas em práticas de letramento por alunos surdos em curso a distância de língua inglesa. **Polifonia**, Cuiabá, v. 21, n. 29, p. 254-274, jan-jul. 2014.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Org.). **Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington, USA: Gallaudet University Press, 1996.